

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A AVALIAÇÃO FORMATIVA E SUA ARTICULAÇÃO COM A PRECEPTORIA
ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES**

**Lucimara Gomes Oliveira de Moraes
Bruna Prado Vieira**

Brasília, 2023

BRUNA PRADO VIEIRA

A AVALIAÇÃO FORMATIVA E SUA ARTICULAÇÃO COM A PRECEPTORIA
ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do título de licenciada em pedagogia.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Lucimara Gomes
Oliveira de Moraes

BRASÍLIA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

VV658a Vieira, Bruna Prado
A AVALIAÇÃO FORMATIVA E SUA ARTICULAÇÃO COM A PRECEPTORIA ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES / Bruna Prado Vieira; orientador Lucimara Gomes Oliveira de Moraes. -- Brasília, 2023.
71 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2023.

1. Avaliação Formativa. 2. Preceptorial. 3. Feedback. I. Gomes Oliveira de Moraes, Lucimara, orient. II. Título.

2021

BRUNA PRADO VIEIRA

A AVALIAÇÃO FORMATIVA E SUA ARTICULAÇÃO COM A PRECEPTORIA
ESCOLAR: LIMITES E POSSIBILIDADES

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Lucimara Gomes Oliveira de Moraes (Orientadora) Faculdade de Educação –
FE/UnB

Prof.^a Ma. Mônica Aparecida Serafim Cardoso (Examinadora) Faculdade de Educação –
FE/UnB

Prof. Dr. Paulo Henrique Pereira da Silva de Felipe (Examinador) Faculdade de Educação –
FE/UnB

Prof. Dr.^a Shirleide Pereira da Silva Cruz (Suplente) Faculdade de Educação – FE/UnB

Brasília, 13 de dezembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por Seu infinito amor e misericórdia por mim.

Agradeço à Virgem Santíssima por ser minha Mãe, Rainha e grande exemplo.

Agradeço ao meu Santo Anjo por me iluminar em tantos momentos da minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Lucimara Gomes, por verdadeiramente me orientar em cada uma das etapas deste trabalho e por contestar meus limites. Agradeço por ter insistido para que eu fizesse a pesquisa empírica, o trabalho não teria ficado tão rico sem ela.

Agradeço à Escola Viraventos por me introduzir na Educação Personalizada e por me mostrar que mais do que educar um aluno, eu, como professora, devo buscar ser capaz de professar a verdade, de “maestrar” e levar minha turma à harmonia e de educar um ser humano integral, único, autônomo e livre. Agradeço à escola por expandir meus horizontes e me fazer perceber que a pedagogia é uma área ampla, rica e com muitos pontos a serem explorados.

Agradeço a todos os que mais diretamente auxiliaram na formulação desta pesquisa, professores-preceptores, famílias e alunos. Mais especificamente, agradeço a Yasmin por ter me auxiliado com indicações de textos, ao Marlon por ter sido o intermediário entre as famílias e eu e por ter me ajudado com o espaço das entrevistas e à Gisela, por ter permitido a realização da minha pesquisa empírica na Viraventos e por ser minhas “semente” (Vinuto, 2019).

Agradeço aos meus amigos e novamente à professora Lucimara por me acalmarem em meio aos meus desesperos por não achar que conseguiria terminar a tempo.

Agradeço ao meu namorado por ter pacientemente revisado cada capítulo comigo e me tranquilizar, por ter ouvido todas as minhas exasperações e me auxiliado com as correções gramaticais.

Por fim, agradeço aos meus pais, Jobel e Mirley, e à minha irmã, Juliana, por me acompanharem até agora, por aceitarem minhas loucuras e individualidades, por discutirem comigo quando eu estava errada e por terem me dito “não” a tantas coisas que eu gostaria de fazer, mas que não me fariam bem, mas principalmente por me apoiarem quando eu me decidi por dizer “sim” a este duro, longo e gratificante caminho da Pedagogia. Agradeço a eles por estarem ao meu lado nas minhas conquistas e se alegrarem comigo, eis agora mais uma conquista e me alegra muitíssimo poder apresentá-la a eles.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso insere-se no campo de estudos sobre a avaliação formativa e a preceptoria escolar e tem como objetivo levantar as possibilidades de articulações delas no ensino básico. A pesquisa tem como metodologia a revisão de literatura da professora Benigna Villas Boas (2019a, 2019b, 2019c, 2006) acerca da avaliação formativa e de artigos acerca da preceptoria. Ademais, o presente trabalho também conta com uma investigação de caráter qualitativo, com entrevistas e conversas informais com crianças, pais e professoras-preceptoras de uma escola particular de Brasília de modelo de Educação Personalizada. A construção dos dados se dá pela vinculação entre a revisão de literatura e a metodologia de investigação qualitativa mencionada. As entrevistas com os adultos foram analisadas por meio da metodologia de análise temática (Jovchelovich; Bauer, 2002), enquanto tanto as entrevistas quanto os desenhos das crianças por compreensão ambígua (Staccioli, 2020). Nessa conjuntura, os resultados da pesquisa revelam que, apesar dos limites da articulação entre avaliação formativa e preceptoria, a articulação entre elas é possível e traz consigo diversas possibilidades, apresentando-as como constituintes do trabalho pedagógico complementares para a formação de um sujeito social integral.

Palavras-chave: Avaliação. Preceptoria. *Feedback*. Educação Básica.

ABSTRACT

This Conclusion Coursework inserts itself in the area of study about formative assessment and school preceptorship and has as a goal to raise the possibilities of articulation between them in the basic education. The research has the Benigna Villas Boas' (2019a, 2019b, 2019c, 2006) literature review as methodology about formative assessment and articles about preceptorship. Furthermore, this monograph also counts with a qualitative research, with interviews and informal conversations with children, parents and teachers of a private school of Brasilia that applies the Personalized Education model. The data construction is made through the binding between the literature review and the qualitative research. The adult interviews are analysed by the methodology of thematic analysis (Jovchelovich; Bauer, 2002), while both children's interviews and drawings are by ambiguous understanding (Staccioli, 2020). Thereby, the research results shows that, despite of the limits of the articulations between formative assessment and preceptorship, this articulation is possible and brings a diversity of possibilities, constituting them as complementary parts of the work of the forming an integral and social human being.

Keywords: Assessment. Preceptorship. Feedback. Basic Education.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
GEPA	Grupo de Pesquisa Avaliação e Organização do Trabalho Pedagógico
PAT	Plano de Ação Tutorial
PPM	Plano Pessoal de Melhora
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Desenho de São João Paulo II.....	54
FIGURA 2 – São João Paulo II desenhando.....	55
FIGURA 3 – Desenho de Amigo.....	57
FIGURA 4 – Amigo descobre sua cor.....	58
FIGURA 5 – Amigo desenhando.....	59

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADRO 1 - Levantamento bibliográfico – Avaliação formativa para Villas Boas.....	40
QUADRO 2 - Levantamento bibliográfico – Preceptoria/Tutoria.....	41
QUADRO 3 – Palavras-chave para categorização.....	46

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
MEMORIAL.....	11
1.INTRODUÇÃO.....	15
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	17
1.2 OBJETIVOS.....	17
2.VILLAS BOAS E A AVALIAÇÃO FORMATIVA.....	19
2.1 UMA BREVE BIOGRAFIA.....	19
2.2 A AVALIAÇÃO FORMATIVA.....	19
2.3 CONSTRUINDO UMA AVALIAÇÃO FORMATIVA.....	21
3. A PRECEPTORIA.....	25
3.1 CONHECENDO A PRECEPTORIA ESCOLAR.....	25
3.2 TUTORIA E PRECEPTORIA: UMA BATALHA DE CONCEITOS.....	29
3.3. INTERSECÇÕES ENTRE A AVALIAÇÃO FORMATIVA E A PRECEPTORIA.....	30
4.METODOLOGIA.....	33
4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E TIPOLOGIA DE PESQUISA.....	33
4.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	37
5.FALAS ÚNICAS.....	43
5.1 O JOGO DAS ENTREVISTAS.....	43
5.2 VOZES CATEGÓRICAS.....	45
5.3 TRATANDO DE “AFLITOS”	53
5.4 RESULTADOS.....	59
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
APÊNDICE A.....	67
APÊNDICE B.....	68
APÊNDICE C.....	69
APÊNDICE D.....	70

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é um Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação na licenciatura de Pedagogia. O trabalho objetiva analisar as possibilidades de articulação entre a avaliação formativa e a preceptoria escolar na educação básica.

Sob esse âmbito, a pesquisa compõe-se de duas partes principais: memorial e monografia, sendo que esta é constituída de três capítulos somados à Introdução, Metodologia de pesquisa, Considerações Finais, Referências Bibliográficas e aos Apêndices. O memorial se caracteriza por descrever a minha trajetória com os objetos de pesquisa, como tive meu primeiro contato com eles e o motivo pelo qual eles foram escolhidos, enquanto a monografia se trata da caracterização e articulação dos objetos.

O primeiro capítulo da monografia é referente à descrição da Avaliação Formativa segundo professora Benigna Villas Boas (2019a, 2019b, 2019c, 2006) com o objetivo de apresentar a concepção de avaliação formativa para essa autora. O segundo capítulo trata da definição de preceptoria, com a finalidade de descrever as características de preceptoria escolar na realidade brasileira. Após ser apresentada a metodologia de pesquisa utilizada neste trabalho, o terceiro capítulo conta com os resultados da pesquisa empírica e com a descrição das entrevistas realizadas com crianças, professores-preceptores e famílias, com a finalidade de identificar as possibilidades de diálogos entre a avaliação formativa e a preceptoria na realidade de uma escola particular de Brasília. Como fechamento, o trabalho apresenta as Considerações Finais com um apanhado geral da pesquisa.

MEMORIAL

Nasci em 15 de março de 2002 em Brasília dentro de uma família com boas condições e com pais que trabalhavam e ainda trabalham duro para manter essas boas condições. Devido a isso, assim que a licença maternidade da minha mãe acabou, quando eu ainda tinha apenas quatro meses de vida, entrei em uma escola de Educação Infantil com creche e meus primeiros anos dentro dessa instituição se passaram comigo sendo a única menina dentro de uma turma que, por coincidência, só tinha meninos. Esse fator, somado à questão de eu ser a mais nova entre minha irmã e eu e a mais nova entre 16 primos, fez com que eu me tornasse bastante competitiva.

Realizei parte da minha Educação Infantil em uma turma na qual eu era a única menina, por falta de outras meninas matriculadas e, no Ensino Fundamental Anos Iniciais, eu já tentava ser a estudante que terminava os registros mais rápidos para ser aquela que ia na coordenação tirar cópia dos meus cadernos para os outros, a estudante que tirava acima de 90 em todas as matérias e que ganhava o prêmio de aluna destaque. Estudei do 3º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio em uma escola que confeccionava *banners* com as fotos dos estudantes que passavam em primeiro lugar na faculdade e me impressionava com as imagens de jovens alguns anos mais velhos do que eu recebendo tanta “glória” e assim, mesmo com 8 anos de idade, formulei a primeira meta da minha vida: ser uma dos estudantes que ficavam nos *banners*. Tudo isso eu tentava ser sem que meus pais me cobrassem, eu simplesmente queria ser muito boa e ser reconhecida por isso. Todavia, durante o meu Ensino Médio, muitos pontos da minha vida mudaram.

No meu Ensino Médio, ao ter experiência como catequista em uma paróquia, dando aulas sobre a doutrina católica para crianças de 6 a 13 anos, ao ter longas conversas com a minha querida avó, que já foi professora, e ao ajudar muitos amigos explicando conteúdo das provas para eles e, até mesmo, dando aulas particulares de matemáticas para eles, passei a me apaixonar pela área da docência. Desse modo, ao me perguntar para qual curso eu iria prestar o vestibular, escolhi a pedagogia para que eu pudesse dar aula de todas as matérias que gostava - matemática, português, história, geografia e ciências - para o grupo que eu mais gostava: crianças.

Com essa escolha, já no segundo ano do Ensino Médio, decidi por não buscar ser a melhor estudante por mim mesma, mas criei a filosofia de vida de que eu deveria ser a melhor estudante para ser capaz de formar os melhores estudantes no futuro, ser a melhor estudante para ser a melhor professora. Atrelado a isso, durante o meu primeiro ano do Ensino Médio me

converti ao catolicismo e algumas outras perspectivas em minha vida mudaram. O estudo sério sobre a doutrina da Igreja me levou a um estudo sobre a constituição da humanidade e para a análise de alguns filósofos clássicos. Esses estudos sobre doutrina e filosofia e a percepção da realidade atual com crianças com depressão infantil, grande nível de suicídios, feminicídios e assédios, me fizeram perceber que, tão importante quanto formar um bom aluno é formar um bom ser humano, tão importante quanto formar uma pessoa intelectualmente, seria formar uma pessoa integralmente, compreendendo que o todo social, intelectual, físico, emocional, histórico, cultural e espacial é o que a forma, é o que deve ser conhecido e desenvolvido, posto que uma dessas áreas afeta todas as outras.

Apesar da minha decisão por querer cursar o curso de Pedagogia ser firme, alguns membros da minha família acreditavam que essa não era a melhor escolha para mim. Minhas notas eram excelentes, eu era uma das primeiras da série e minha família tem condições de vida acima da média, então falavam que eu deveria escolher uma profissão que me valorizasse mais, que tivesse um retorno financeiro melhor e que eu só estava escolhendo a Pedagogia, porque dava aulas de catequese e achava legal. Esses membros da minha família convenceram meus pais a pagarem para que eu fizesse aos 17 anos sessões de orientação profissional com um casal de psicólogos. Contudo, mesmo estando aberta também à possibilidade de outras profissões, após muitas sessões defini a Pedagogia como minha primeira opção no vestibular e administração como segunda.

Foi com essa cabeça que passei em primeiro lugar no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília em janeiro de 2020 por meio do Programa de Avaliação Seriada (PAS), mas não foi confeccionado um banner para mim, mesmo que eu tenha tirado a foto para tal, devido à pandemia da COVID-19. A pandemia e o isolamento social acarretaram a realização em formato remoto dos meus cinco primeiros semestres do curso. O formato remoto exigiu de mim mais atenção e comprometimento para que eu obtivesse o mesmo rendimento que teria sem a sua existência e me senti prejudicada em algumas matérias, como, por exemplo, na de Processos de Alfabetização e Letramento, devido à falta de um contato pessoal e atividades mais práticas.

Paralelamente, no começo da pandemia, além de passar na Universidade de Brasília campus Darcy Ribeiro para fazer Pedagogia, entrei em um grupo de estudos online para meninas e lá conheci a coordenadora de uma instituição sem fins lucrativos que ajuda meninas em situação de vulnerabilidade em São Sebastião. A instituição promove aulas de inglês, artes visuais, teatro, canto, caligrafia, português, matemática, reforço escolar e ballet e outras danças para meninas de 7 a 13 anos, além de preceptorias mensais ou quinzenais com as meninas.

Nesse contexto, fui convidada a me voluntariar como preceptora durante todo o ano de 2021, o que foi um grande desafio e me obrigou a ler mais textos sobre formação humana e sobre como ajudar as meninas. Dessa forma, tive de preparar e de me reunir mensalmente pela plataforma *Google Meet* para reuniões mensais de preceptoria com essas meninas.

Essa instituição me indicou para, ainda em 2021, tentar um estágio em uma escola particular de Brasília. A escola conta com um modelo de Educação Personalizada formulado pelo pedagogo espanhol Víctor García Hoz e é vinculada a uma associação sem fins lucrativos e representante brasileira oficial da instituição de uma rede de colégios espanhola. A escola conta com o programa de preceptoria e, dentro de sua cultura organizacional tem-se a perspectiva de que cada indivíduo é um ser humano único, irrepetível e integral, repleto de autonomia, liberdade, singularidade e constituído por vários aspectos como cognitivo, físico, volitivo, afetivo e transcendente. Nesse sentido, para a escola, os professores, como educadores de seres que não são capazes de separar os diferentes aspectos de sua constituição, não poderiam negar a integralidade de seus alunos e, portanto, deveriam trabalhar em conjunto com a família para auxiliar a criança a formar-se como um bom ser humano, na perspectiva de que, formando uma boa pessoa, a escola consequentemente auxilia a criança a formar-se como um bom estudante.

O contato, agora não mais virtual, com crianças permitiu que eu auxiliasse de modo mais eficiente as professoras preceptoras na construção das preceptorias, posto que na escola eu não era mais preceptora, mas, como estagiária, poderia indicar às professoras pontos a serem observados para serem discutidos em preceptorias. Somado a isso, por estar inserida no cotidiano escolar, consegui acompanhar os progressos das crianças advindos das preceptorias que, por se tratar da Educação Infantil, eram reuniões trimestrais realizadas com os pais, e percebi o quanto elas, somadas a outros elementos da Educação Personalizada, eram positivas para os progressos físicos, intelectuais, volitivos, afetivos e transcendentais das crianças. Diante disso, decidi em 2022 que meu Trabalho de Conclusão de Curso envolveria a preceptoria, mesmo que em agosto de 2022 eu tivesse deixado a escola para ter a experiência de estágio em Pedagogia em Ensino Fundamental.

Atrelado a isso, como eu havia afirmado anteriormente, sempre fui bastante competitiva, não necessariamente com os outros, mas, principalmente, comigo mesma, e, portanto, academicamente sempre gostei de avaliações, fossem elas seminários, provas, sínteses

e até mesmo provas de vestibulares, porque percebia que essas avaliações somativas¹ me instigam mais a estudar e fixar de maneira efetiva o conteúdo. Entretanto, ao entrar em sala de aula em diferentes turmas de estágio, com crianças de 1 ano e 3 meses a alunos de 11 anos, percebi que a grande maioria dos meus alunos não aprende como eu e que avaliações sendo realizadas apenas de modo somativo os impactava de maneira negativa tanto academicamente quanto emocionalmente.

Dessa forma, após ter diversas aulas sobre avaliação formativa com a professora Lucimara na Universidade de Brasília, acreditei que esse tipo de avaliação, com as suas propostas de intervenção imediata e de *feedback* aos próprios estudantes, talvez fosse muito mais eficiente e favorável aos estudantes do que as avaliações somativas que eu adorava. Analogamente, ao ter diversas aulas as quais discutiam sobre a estrutura, aplicação e consequências sobre essa modalidade de avaliação, percebi pontos de intersecção com as preceptorias e decidi-me por dedicar-me a essas duas temáticas: uma devido aos seus possíveis benefícios para a formação do ser humano e a outra por seu caráter humano de avaliar os estudantes e por considerarem ambas o ensino como um processo que deve ser continua e cotidianamente avaliado.

Concomitantemente, a escola em que estagiei, construía o seu Ensino Fundamental e implementava mais explicitamente a avaliação formativa com seus estudantes, ao mesmo tempo em que começava a realizar as preceptorias com os próprios estudantes quinzenalmente. Diante desse contexto, enxerguei uma possibilidade de realizar a pesquisa que gostaria e ainda observar as aplicações dela na prática dentro de uma escola particular brasileira. Sob esse prisma, diversos eventos e oportunidades impactaram a minha constituição e a formulação desta pesquisa.

¹ A avaliação somativa “é um processo pedagógico pontual essencial para se fazerem balanços acerca do que os alunos sabem e são capazes de fazer após uma sequência de ensino e aprendizagem. Os seus dados, em geral, são utilizados para classificar os alunos, de preferência acompanhados de feedback, mas podem ser utilizados com fins estritamente formativos, isto é, para distribuir feedback que oriente os alunos a aprender e sem quaisquer fins classificatórios. [...] Apesar de não estar integrada aos processos de ensino e aprendizagem, pois só se realiza após e não durante a sua ocorrência, a avaliação somativa [que é o mesmo que “somativa”] complementa a avaliação formativa e contribui para que os alunos aprendam mais e, sobretudo, melhor.” (Gontijo; Linhares, 2010, p.40)

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso para a graduação em Pedagogia está vinculado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e insere-se no campo de estudo de avaliação formativa, tendo como objetivo geral da pesquisa a análise das possibilidades de articulação entre a avaliação formativa e a preceptoria escolar na educação básica.

O ensino brasileiro busca, entre tantos outros objetivos, democratizar o saber historicamente construído aos seus estudantes. Nesse contexto, a CF/88 Art. 205 e 206 e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996, Art. 3), preveem um ensino de qualidade gratuito e obrigatório dos 4 aos 17 anos, “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Desse modo, por meio de diferentes metodologias, estratégias e instrumentos, escolas públicas e particulares tentam promover um ensino de qualidade que leve o estudante ao conhecimento e ao pensamento crítico.

Sob esse prisma, a preceptoria e a avaliação formativa, objetos de estudo deste trabalho, são constituintes do trabalho pedagógico que aspiram ao desenvolvimento integral, pleno, do ser humano e ao cumprimento do direito subjetivo a uma educação de qualidade, sendo um por meio de um processo de avaliação e outro, por um processo de orientação. Atrelado a isso, os objetos garantem a qualidade de ensino por buscarem identificar o que foi e o que não foi aprendido pelo estudante, para que aprendam futuramente e para que, com base nessas informações sobre a aprendizagem do estudante, o trabalho pedagógico seja reorganizado.

As avaliações formativas se encontram ligadas a avaliações para a aprendizagem, em paralelo às avaliações da aprendizagem (Villas Boas, 2019), e, desse modo, “É um processo planejado, no qual professores e estudantes usam evidências para promover ajustes no trabalho pedagógico que desenvolvem” (Popham, 2008 *apud* Villas Boas, 2019, p. 17) e que ocorrem concomitantemente ao desenvolvimento deste trabalho por meio de as atividades desenvolvidas as quais gerem informações sobre o desempenho acadêmico do estudante, fornecendo *feedback* aos dois atores envolvidos. Mediante tal abordagem, a avaliação formativa é um elemento pedagógico o qual considera o ensino um processo no qual o estudante e o professor possuem papéis de suma importância, este como quem observa o aluno, formula o *feedback* e realiza intervenções, e aquele como quem deve vivenciar o *feedback* e transformá-lo em automonitoramento (Villas Boas, 2001).

Analogamente, a preceptoria é um processo que conta com a observação do docente acerca do desenvolvimento do discente integralmente, em dimensões como: intelectual, físico,

volitivo, afetivo e transcendente. Após a observação, pode haver uma discussão entre membros da equipe docente sobre os pontos observados dentro desses aspectos ou mesmo uma troca de informações entre diferentes professores sobre o progresso do estudante em diferentes disciplinas e então ocorre a preceptoria: o encontro do estudante com o preceptor ou do preceptor com os responsáveis das crianças para juntos discutirem sobre o que foi observado e criarem, também em conjunto, um Plano Pessoal de Melhora (PPM) - nomenclatura a qual também pode variar de acordo com a instituição. Dentro do PPM são formuladas ações destinadas a orientar o aluno no seu processo de desenvolvimento pessoal dentro dos aspectos propostos pela escola e pelas famílias. Ela é um instrumento educacional o qual instiga a comunidade pedagógica a ter uma visão mais humanizada acerca do estudante e a compreender que suas ações e o seu processo de ensino-aprendizagem são reflexo do cotidiano, do espaço-tempo em que vive, ao mesmo tempo em que está intimamente ligado também ao seu desenvolvimento físico, volitivo, afetivo e transcendental.

Assim, é uma prática da área de orientação escolar previamente preparado e sistematizado, o qual percebe o estudante como pessoa integral e complexa para auxiliá-lo dentro de suas limitações e potências. Outrossim, tal qual na avaliação formativa, a figura do professor e do estudante se mostram como figuras necessárias, assim como a percepção do aluno como sujeito em desenvolvimento se torna presente.

Isso posto, compreende-se que a preceptoria e a avaliação formativa são estruturas pedagógicas que se preocupam com o desenvolvimento do sujeito, que se importam com a perspectiva de o estudante conhecer os pontos observados pelos professores e que buscam formular uma proposta de intervenção, cada qual à sua maneira, para que os discentes tenham um melhor desempenho.

Nesse ínterim, a pesquisa se justifica academicamente por se referir a uma articulação a qual possui baixíssimo estudo, posto que ao mesmo tempo em que a preceptoria possui pouco estudo no Brasil, existindo mais livros sobre o tema do que artigos científicos, os estudos sobre sua articulação com a avaliação formativa não foram encontrados. Nessa conjuntura, o trabalho, com sua etapa de pesquisa qualitativa em campo, ampara a sua temática no cenário brasiliense, expõe a prática de um elemento pedagógico muito utilizado no Brasil, a avaliação formativa, e a forma como um elemento espanhol, ou seja, a preceptoria, se insere no cenário brasileiro.

Por fim, o trabalho se justifica pedagogicamente, por seu caráter inovador, humano e efetivo. A educação brasileira ainda apresenta aspectos de uma avaliação seletiva, classificatória e excludente. Nesse viés, é necessário que novas medidas sejam tomadas para

que o discente não seja enquadrado de acordo com suas notas do boletim e para que a educação seja encarada como um processo e não apenas como um fim. De maneira análoga,

a avaliação formativa contribui para que os alunos aprendam a aprender, porque os ajuda a desenvolver as estratégias necessárias; coloca ênfase no processo de ensino e aprendizagem, tornando os alunos participantes desse processo, possibilita a construção de habilidades de autoavaliação e avaliação por colegas; ajuda os alunos a compreenderem sua própria aprendizagem (Villas Boas, 2001, p. 6).

Nesse sentido, faz-se mister a formulação de um problema de pesquisa estruturado e a estruturação de objetivos claros e relevantes.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O presente trabalho apresenta como problema de pesquisa a articulação entre a preceptoria e a avaliação formativa, e buscando, portanto, responder à seguinte questão norteadora: De que forma a preceptoria escolar e a avaliação formativa se articulam? Essa pergunta torna-se necessária para que seja analisado se a articulação concomitante das duas levaria a uma potencialização do ensino e desses dois próprios elementos do trabalho pedagógico. Ademais, a pesquisa possui um objetivo geral e três objetivos específicos.

1.2 OBJETIVOS

Para atingir o objetivo de verificar as potencialidades e limites da articulação entre preceptoria na educação básica e avaliação formativa, elegem-se os objetivos descritos a seguir.

Objetivo Geral

Analisar as possibilidades de articulação entre a avaliação formativa e a preceptoria escolar na educação básica.

Objetivos Específicos

- a) Apresentar a concepção de avaliação formativa em Villas Boas (2019a, 2019b, 2019c, 2006);
- b) Descrever as características de preceptoria escolar na realidade brasileira;
- c) Identificar as possibilidades de diálogos entre a avaliação formativa e a preceptoria.

Tendo isso em vista, serão dois capítulos de revisão narrativa, sendo o primeiro, denominado “Villas Boas e a avaliação formativa” referente à avaliação formativa para Villas Boas, seus instrumentos, etapas, aplicação e objetivos, e o segundo, “Conhecendo a preceptoria escolar”, referente à preceptoria escolar, com sua estrutura, desenvolvimento, suas finalidades e a articulação entre os objetos, um capítulo com a descrição da metodologia de pesquisa, e um capítulo referente ao relato e análise dos dados coletados a partir da pesquisa empírica com as entrevistas, finalizando a pesquisa com as considerações finais.

2.VILLAS BOAS E A AVALIAÇÃO FORMATIVA

A professora, pedagoga, normalista e pesquisadora Benigna Maria de Freitas Villas Boas possui como um dos seus objetivos em sua linha de pesquisa “Construir referencial teórico sobre a avaliação formativa” (Lattes, 2023) e, nesse sentido, possui um significativo número de artigos, livros e pesquisas dentro da temática. Diante disso, o presente capítulo tem por objetivo apresentar a concepção de avaliação formativa na Educação Básica segundo Villas Boas.

2.1 UMA BREVE BIOGRAFIA

A professora emérita da Universidade de Brasília Benigna Villas Boas é normalista e pedagoga. Possui mestrado em Ensino pela University of Houston, doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutorado em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres. Villas Boas já atuou como professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal por 25 anos e como professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília por 16 anos.

Como pesquisadora, apresenta como linha de pesquisa a Avaliação e a Organização do Trabalho Pedagógico. Possui uma extensa coleção de trabalhos publicados, entre eles 19 artigos publicados em periódicos e 10 livros. Atualmente é aposentada, porém continua com sua linha de pesquisa e atua como coordenadora do grupo GEPA, certificado pelo CNPq.

Assim, devido à sua grande gama de estudos e obras na área da avaliação e, em especial, de avaliação formativa, será realizada uma revisão de sua literatura dentro da temática da Avaliação Formativa.

2.2 A AVALIAÇÃO FORMATIVA

Allal (1986 *apud* Villas Boas, 2019) e Popham (2008 *apud* Villas Boas, 2006) afirmam que o termo “avaliação formativa” foi utilizado pela primeira vez pelo professor Michael Scriven em 1967 em um artigo sobre a avaliação dos meios de ensino, entre eles os currículos, manuais e métodos, para testar o seu desenvolvimento. Popham (*ibidem*) também diz que Benjamin Bloom, em 1969, tentou levar o conceito da avaliação formativa à avaliação escolar, porém não foi bem-sucedido, e credita aos pesquisadores britânicos Paul Black e Dylan Wiliam o início do interesse por essa avaliação em todo o mundo. Nesse sentido, apenas nas últimas décadas a avaliação formativa se voltou para a avaliação escolar, sendo no Brasil sinônimos de avaliação formativa a avaliação mediadora, emancipatória, dialógica, fundamentada e cidadã, e buscou-se realizar uma distinção dos dois papéis da avaliação apontados por Scriven, além de como essa avaliação beneficiaria as decisões pedagógicas dos professores.

A palavra "formativa", segundo Harlen (2006, p.104 *apud* Villas Boas, 2019), “refere-se à avaliação que promove as aprendizagens usando evidências do que os estudantes aprenderam, em relação ao alcance dos objetivos propostos, para que se planeje os próximos passos e a maneira de atingi-los”. Desse modo, ela não é uma avaliação da aprendizagem, com foco em saber o que o estudante sabe para classificá-lo e dar-lhe uma nota, mas uma avaliação para a promoção da aprendizagem, que visa conhecer o que o estudante sabe e quais são seus pontos de dificuldades para que, conhecendo os limites e as potencialidades do aluno, aluno e professor possam aprimorar as atividades em desenvolvimento e atingir as metas formuladas no currículo escolar.

A avaliação escolar possui duas vertentes principais: a somativa e a formativa. Enquanto a primeira é pontual, a segunda é processual e contínua. Conforme afirma Popham (2008 *apud* Villas Boas, 2006), a avaliação somativa, por meio de notas e menções, realiza um balanço do que foi aprendido pelo estudante após um determinado período ou a partir de qualquer atividade. Ela busca, portanto, compreender a efetividade das atividades completadas e se avalia para dar nota e para aprovar ou não os discentes, classificando-os entre, por exemplo, forte, médios e fracos (Villas Boas, 2006).

Paralelamente, a avaliação pode cumprir também função formativa, na qual os docentes “analisam, de maneira frequente e interativa, o progresso dos alunos, para identificar o que eles aprenderam e o que ainda não aprenderam, para que venham a aprender, e para que reorganizem o trabalho pedagógico” (Villas Boas, 2006, p. 4-5). Nesse sentido, Villas Boas (2019, p.16) afirma que

o primeiro objetivo da avaliação formativa é permitir ao estudante saber o que se espera dele para que possa situar-se em função disso. [...] Como segundo objetivo, o autor acrescenta que essa avaliação se ‘esforça por fazer um diagnóstico das dificuldades do estudante, a fim de permitir-lhe encontrar-se num duplo sentido: compreender os seus erros e, em função disso, tornar-se capaz de os ultrapassar’ (Hadji, 1994, p. 123).

Nessa vertente, o erro do aluno passa a ser considerado como uma fonte de informação essencial, cuja manifestação é importante favorecer (Villas Boas, 2019). Outrossim, a avaliação formativa não só objetiva a aprendizagem acadêmica do estudante, como também a formação do cidadão para que tenha inserção social crítica na comunidade (Villas Boas, 2019).

Villas Boas caracteriza a avaliação formativa como uma integrante do trabalho realizado em sala de aula por professores e estudantes (Villas Boas, 2019). Esses atores, por meio de um processo planejado de responsabilidade do professor da turma e do componente escolar, buscam evidências para promover reformulações no plano de aula imediatos frente às necessidades que surgem, além de ajustamentos sucessivos durante o desenvolvimento e a experimentação de um novo currículo, manual ou método de ensino. Ela leva em conta o progresso e o esforço individuais dos alunos, que devem atuar ativamente em seu processo de ensino-aprendizagem, apesar do professor possuir o controle dela.

Dessa forma, por inserir professores e alunos em seu processo, ela proporciona aprendizagens para ambos. Somado a isso, por meio da avaliação formativa, pode-se atingir os objetivos da aprendizagem permanente, sejam eles, “a promoção de desempenho de alto nível, a adoção de tratamento equânime dos resultados da avaliação dos alunos; a construção de habilidades para o aprender a aprender” (Villas Boas, 2006, p.5).

2.3 CONSTRUINDO UMA AVALIAÇÃO FORMATIVA

Para que os objetivos da avaliação formativa sejam atingidos, ela apresenta critérios para ser desenvolvida. O primeiro e principal critério para a avaliação formativa é a intenção do professor (Hadji, 2001). Caso o professor não esteja avaliando com o objetivo de gerar um *feedback* e uma do trabalho pedagógico, a avaliação formativa pode se tornar uma avaliação informal, diagnóstica e até mesmo somativa. Assim, a “‘virtude’ formativa não está no instrumento, mas, sim, se assim se pode dizer, no uso que dele fazemos, na utilização das informações graças a ele” (Villas Boas, 2019, p. 19).

O segundo critério é conhecer os estudantes. Deve-se olhar com interesse os alunos individualmente e conhecer seu ambiente social, suas interações com os outros, suas iniciativas, necessidades, propósitos, sonhos e características próprias que o tornam único (Villas Boas, 2019). O professor interessado na aprendizagem do estudante procurará usar todas as informações advindas da informalidade para relacioná-las com os resultados da avaliação formal e, assim, compor a sua compreensão sobre o desenvolvimento de cada aluno (Villas Boas, 2019).

Após essa contextualização, foca-se o olhar no processo de aprendizagem de conteúdos e habilidades. É mister perceber onde o estudante está dentro do hiato que existe entre o que sabe e o objetivo que busca atingir, compreendendo em conjunto com o estudante suas possibilidades e fragilidades e, diante disso, buscar entender o que está sendo realizado para cobrir esse hiato e, por conseguinte, formular meios para efetivamente completá-lo (Villas Boas, 2019).

Desse modo, a partir do conhecimento do aluno como indivíduo e de suas dificuldades, o docente deverá cumprir o terceiro critério: planejar atividades e momentos os quais levem a conhecer melhor o desenvolvimento do discente. Ele deve formular questões, observar os alunos enquanto trabalham e avaliar suas produções de forma sistemática e frequente. Apesar de não haver procedimentos/instrumentos específicos para a avaliação formativa, ela pode englobar “todas as atividades desenvolvidas pelos professores e seus alunos, com o intuito de fornecer informações a serem usadas como *feedback* para reorganizar o trabalho pedagógico” (Black; Dylan LACK, 1998 *apud* Villas Boas, 2006, p.8), e, dessa forma, tudo o que os estudantes produzem e realizam pode ser avaliado, como também “o professor pode eleger um procedimento avaliativo para ser o carro-chefe do processo” (Villas Boas, 2019, p. 20). Concomitantemente, o professor planeja e reorganiza, a partir das evidências coletadas, o trabalho pedagógico que desenvolve.

Essa avaliação deve ocorrer ao longo do tempo, ou seja, não deve ser episódica, apesar de não ter momento certo para acontecer. A continuidade dela em contextos variados, permite ao discente construir uma compreensão ampla e sólida do que os alunos aprenderam e do que são capazes de fazer (Villas Boas, 2019).

Após compreender as dificuldades e potencialidades do estudante, o professor pode dar a oportunidade ao estudante de desenvolver sua capacidade de identificar e compreender as lacunas de aprendizagem, deixando que este se responsabilize por planejar e desenvolver as ações necessárias, o que requer o desenvolvimento da capacidade de autoavaliação e de

automonitoramento e do processo colaborativo de avaliação entre colegas, ou o professor pode tomar para si a responsabilidade de direcionar atividades que promovam as aprendizagens (Villas Boas, 2019). Ademais, essas duas opções podem ocorrer de maneira concomitante, cabendo ao professor decidir quando e como dar ênfase a cada uma (*ibidem*).

Os “dados obtidos indicam que atividades serão refeitas, quem, individualmente ou em grupos necessita refazê-las ou se é possível dar continuidade ao trabalho” (Villas Boas, 2019), além de requerer que se adapte o trabalho às necessidades de cada um e se dê tratamento adequado aos seus resultados. A análise do progresso de cada estudante deve partir dos registros dos acontecimentos e resultados das atividades e considera aspectos tais como as circunstâncias individuais observadas,

[...] o esforço por ele despendido, o contexto particular do seu trabalho e as aprendizagens adquiridas ao longo do tempo. Consequentemente, o julgamento da sua produção e o *feedback* que lhe será oferecido levarão em conta o processo de aprendizagem por ele desenvolvido, e não apenas os critérios de avaliação. (Villas Boas, 2006, p. 4-5).

Sob essa perspectiva, o *feedback* é um elemento primordial dentro da avaliação formativa. Ele se trata da informação coletada pelo docente e repassada ao discente acerca da lacuna entre o nível atual de aprendizado desse e o nível em que se espera que ele atinja. Nesse viés, tanto o professor quanto o aluno usufruem dele. O primeiro o utiliza para fazer um acompanhamento do desempenho do estudante frente suas dificuldades e potencialidades, “para que aspectos associados ao sucesso e à alta qualidade possam ser reconhecidos e reforçados, assim como os aspectos insatisfatórios possam ser modificados ou melhorados” (Villas Boas, 2006, p. 8), e aquele para tomar decisões práticas e comece a realizar um automonitoramento. Nesse cenário, comunicação é de suma importância para que os professores e estudantes se entendam e possam buscar atingir os objetivos esperados ao mesmo tempo em que é necessário que o estudante, ao longo do processo de avaliação formativa: “a) conheça o que se espera dele (objetivos da aprendizagem); b) seja capaz de comparar o seu nível atual de desempenho com o esperado; c) se engaje na ação apropriada que leve ao fechamento da distância entre os níveis” (Villas Boas, 2006, p. 9).

Porém, a aplicação da avaliação formativa possui algumas complicações e dificuldades. Algumas delas são as dificuldades de incentivar os estudantes a desenvolverem hábitos diários de estudo, principalmente de alunos que apenas estudam nas vésperas das avaliações somativas, de dar atenção a todos os alunos em turmas com grandes quantidades de matrícula, de assimilação por parte das famílias e de alguns grupos de professores de um processo de avaliação desvinculado da nota e, por fim, a sobrecarga de trabalho dentro e fora de sala de aula por parte dos docentes para formulação e análise das avaliações formativas (Villas Boas, 2019).

Diante disso, percebe-se que para uma escola adotar a avaliação formativa, não se pode mudar isoladamente a avaliação, como também o trabalho pedagógico que ela envolve. Analogamente, apesar das dificuldades, a avaliação formativa requer apenas “analisar as ações em desenvolvimento, os benefícios e as fragilidades apresentados, para que se possa organizar uma agenda de trabalho” (Villas Boas, 2019) e sem a necessidade de uma modificação completa no currículo.

Em suma, a avaliação formativa é um processo planejado e contínuo que tem o discente como referência, utilizado tanto por alunos quanto por professores e que ocorre durante o desenvolvimento do trabalho pedagógico, fornecendo *feedbacks* para esses dois grupos com o objetivo de promover ajustes os quais atendam aos propósitos curriculares almejados e às necessidades dos discentes. Nesse sentido, tendo sido cumprido o objetivo de apresentar a concepção de avaliação formativa na Educação Básica segundo Villas Boas, agora passamos a analisar o objeto da preceptoria para que, posteriormente, possam ser teorizadas as possibilidades e limites de sua articulação com a avaliação formativa.

3. A PRECEPTORIA

“Preceptor” é um termo muito difundido dentro da área da saúde referente ao professor que acompanha os estudantes dessa área em hospitais e clínicas. Entretanto, ele também é um termo que pode ser utilizado dentro da área da orientação educacional referente às preceptorias escolares, instrumento primordial dentro do Modelo de Educação Personalizada idealizado por Victor García Hoz (1970). Diante disso, o presente capítulo tem por objetivo descrever as características da preceptoria escolar, suas etapas e finalidades, distinguindo-a da tutoria.

3.1 CONHECENDO A PRECEPTORIA ESCOLAR

Segundo Campos (2006, p. 33 *apud* Milano, 2022, p. 9-10, **tradução nossa**), a preceptoria, também chamada de “tutoria” por alguns autores como Milano (2022) e Rojas (2017), é

[...] uma orientação sistemática, desenvolvida ao longo de todo o sistema educativo, para que o aluno melhore o seu rendimento escolar, resolva as dificuldades escolares e desenvolva hábitos de trabalho, de estudo, de reflexão e de convivência social. A preceptoria integra-se na ampla área da orientação. Realiza-se com todo o pessoal docente e visa a autonomia do aluno.

De maneira análoga, Paiva e Santos (2022, p. 100), a caracteriza como

encontros regulares entre professor e aluno que, a partir da abertura e diálogo, visa aperfeiçoar responsabilmente suas atitudes e de modo integral (sem separar a pessoa de suas indissociáveis facetas: afetiva, transcendente, cognitiva, social, etc.) desenvolver suas potencialidades e projetos de vida.

Nessa vertente, as preceptorias são orientações/assessoramentos/entrevistas quinzenais, mensais ou trimestrais de 10 a 30 minutos, realizados em um ambiente apropriado e constituídas por conversas previamente estruturadas das quais fazem parte apenas um estudante, chamado aqui de preceptorado ou preceptorando, ou os responsáveis deste, e o professor-preceptor. Dessa maneira, a preceptoria se insere como estratégia de personalização do ensino e, a partir da abertura e do diálogo entre professor e aluno, visa aperfeiçoar responsabilmente suas atitudes e, de modo integral, promover o desenvolvimento de projetos de vida e das potencialidades do aluno dentro de seu aspecto intelectual acadêmico, físico, volitivo, afetivo e transcendental (Rojas, 2017; Paiva; Santo, 2022). Assim, para Paiva e Santos (2022), a preceptoria seria um meio concreto de oferecer atenção pessoal aos alunos, seres irrepetíveis, e de dar a eles a posição de sujeito ativo da produção de conhecimento e autogoverno, ao mesmo

tempo em que estimula a reflexão e a formação de personalidades fortes e equilibradas, dinâmicas e responsivas.

O conceito de preceptoria, tutoria ou mentoria, como também pode ser utilizado, conforme afirma García Nieto (2011 *apud* Milano, 2022) advém da antiguidade clássica, quando Ulisses pede a seu amigo Méntor, durante a Guerra de Troia, que proteja à sua família na sua ausência. Ademais, o termo “tutor” provém do latim “velar”, “manter sob proteção”, o que se associa à responsabilidade de cuidar de outra pessoa.

Nas preceptorias, primeiramente ocorrem as apresentações dos pais e dos alunos ao professor tutor no início do ano letivo, seguido por um pequeno período de diagnóstico (normalmente, de um mês), com observação do estudante e com um mapeamento inicial de características e vivências relatado pelos pais, visto que o contexto social e familiar do educando possui reflexos claros no processo ensino-aprendizagem (Paiva; Santos, 2022). Nessa etapa de conhecer o aluno, o docente pode utilizar-se de instrumentos como a anamnese, a observação direta e a leitura, caso haja, dos relatórios redigidos pelos preceptores anteriores do estudante sobre ele. Somado a isso, para a primeira conversa com o estudante, há um relatório previamente preparado pelo tutor com os principais pontos a serem conhecidos sobre cada aluno. Algo que deve ficar claro no que consta ao estágio de observação do estudante é que esse estágio é contínuo e deve ocorrer também fora dos momentos de preceptoria, com a finalidade de que, aos poucos, o preceptor consiga captar, entre muitos aspectos, traços da personalidade do estudante, hábitos comportamentais, atitudes intelectuais e nível de desenvolvimento dos conhecimentos que possui.

Assim, após o preceptor obter um conhecimento prévio sobre o aluno e seu histórico familiar e pessoal, o professor-preceptor dará início à etapa de planejamento das preceptorias (Rojas, 2017). No caso das preceptorias com alunos, o encontro pode ocorrer mensalmente ou quinzenalmente, ou com mais frequência em situações nas quais o estudante precisar de mais auxílio. Nesses encontros sistematizados, os principais pontos a serem abordados podem ser (não necessariamente todos, nem ao mesmo tempo):

1. Rendimento escolar em cada matéria estudada.
2. Atitude diante de cada matéria (disposição positiva ou negativa, motivação, interesse na disciplina e suas razões etc.).
3. Atitude diante da escola (como o aluno vê a sua escola e como se sente no ambiente educativo em que está inserido).
4. Relações com os colegas da escola (trabalhos em grupos, postura de colaboração etc.).
5. Relações pessoais (a sinceridade e o respeito com que trata os demais, como se dá a conhecer a pessoas mais próximas, autoconhecimento).
6. Relações com as coisas (como utiliza suas coisas, seus objetos de estudo, a diferença de relação e o devido valor a coisas e a pessoas).
7. Tom de vida (“ponte” entre escola e sociedade, como o aluno enxerga a vida, seus desafios, alegrias e decepções, como lida com fracassos e frustrações etc.).
8. A vida fora da escola – amizades e diversões (coerência com os objetivos traçados no PPM e também nos ambientes em que vive fora da escola).
9. Vida familiar (relação com pais, irmãos

e familiares, busca de harmonia e respeito). **10.** Ideais (sonhos, metas, ambições profissionais etc.). **11.** Dificuldades e problemas pessoais (algum problema específico que possa influenciar o aluno em alguma de suas dimensões) (Hoz, 1970, p. 254-259 *apud* Rojas, 2015, p. 20-21, **grifos nossos**).

Ou seja, “se reflete sobre o desenvolvimento das capacidades intelectuais do aluno, o estímulo aos ideais, o aperfeiçoamento de suas habilidades sociais e da formação da vontade, bem como se educa sua afetividade (sempre no formato adequado à idade e etapa acadêmica)” (Paiva; Santos, 2022).

Nesse cenário, ao fim do relato sobre o desenvolvimento do aluno em todas as suas dimensões, professor e aluno indicam os pontos de melhora e avanços significativos e formulam em conjunto um Plano Pessoal de Melhora (PPM). Os PPMs são planos de ação que acompanharão o aluno em todo o seu percurso acadêmico e pessoal, capazes de ajudar a formação integral do aluno, tendo em conta cinco dimensões da pessoa humana (Rojas, 2015): física, intelectual, volitiva, afetiva e transcendente e suas características pessoais de caráter e personalidade. Neles, constam “aspectos acadêmicos (planos de estudo e técnicas de organização do tempo), mas também a trajetória pessoal, com pontos de trabalho para aquisição de hábitos e virtudes, relações interpessoais etc” (Rojas, 2015, p. 21). Em suma, eles se constituem de metas concretas, simples e praticáveis de curto, médio ou longo prazo a serem aplicadas imediatamente após o final da preceptoria e que tem o objetivo de fazer com o que os estudantes potencializem as habilidades que possuem ou que adquiram um conhecimento, uma habilidade ou uma virtude que precisem, tudo isso de acordo com a demanda e a necessidade que o discente apresenta ao preceptor.

Por fim, o professor-preceptor redige um relatório sobre o desenvolvimento da preceptoria e anota o PPM formulado naquele encontro. Esse relatório pode ser utilizado pelo preceptor para a estruturação de preceptorias futuras, para se lembrar de uma informação compartilhada pelo preceptorado, para que, na preceptoria seguinte, seja verificado se o PPM anterior foi cumprido, ou mesmo para que o novo PPM a ser formulado dê continuidade, na medida do possível e do necessário, ao antigo.

No caso das preceptorias com as famílias e professores, as preceptorias são igualmente estruturadas sistematicamente, agendadas pelos pais dos estudantes e posteriormente redigidas em forma de relatório, além dos temas os quais elas abrangem serem os mesmos, só que direcionados aos filhos. Os preceptores e as famílias “trocam impressões, informações, estabelecem planos de ação, para o bem da educação integral de seu filho/aluno” (Milano, 2022, p.10). Elas acontecem a cada três meses e, nessas ocasiões, os pais:

* têm a oportunidade de receber assessoramento sobre os problemas educativos que seu filho possa apresentar; * encontram ajuda, impulso e apoio para os momentos de desânimo, quando a tarefa de educar torna-se pesada; * recebem um relatório para saber como o filho se comporta no âmbito escolar e com isto poder conversar e orientar melhor a criança sobre os aspectos que precisam ser melhorados; * conhecem os pontos fortes de seus filhos e como apoiar-se neles para neutralizar os pontos fracos; * sabem, em cada etapa, como está o desenvolvimento psicológico de seu filho e com isso podem prever a forma como tratá-lo. Em educação se deve chegar antes: prevenir é evitar muitos problemas; * aprendem a planejar a educação dos filhos definindo objetivos educativos para a melhora pessoal em cada momento (Porto Real, 2015 *apud* Rojas, 2015, p. 16-17).

Diante disso, percebe-se que o professor-preceptor apresenta um papel de suma importância tanto nas preceptorias com as famílias quanto nas com os estudantes.

As atividades de um professor-preceptor se dividem entre as tarefas tradicionais de um professor e as próprias de um preceptor. As tradicionais de um professor são, por exemplo, estruturar e organizar a sala de aula e formular atividades estruturadas e de livre escolha, enquanto as atividades próprias do tutor são, por exemplo, estimular o desenvolvimento pessoal dos educandos, por meio da observação e das intervenções oportunas, potenciar as relações pessoais e propor e desenvolver planos de ação, por intermédio das preceptorias (Rojas, 2015). Ele, portanto, é a representação da escola nas preceptorias e o agente que auxilia o estudante a potencializar, dentre muitas dimensões, a sua dimensão intelectual em consonância com o currículo escolar. Ele deve saber escutar, questionar, potencializar e transformar os planos de vida em planos concretos de ação, ao mesmo tempo em que deve possuir sensibilidade e formação, sem tratar o educando com a indiferença (Paiva; Santos, 2022).

Concomitantemente, o professor deve saber não só o que ensina e como, mas também quem são os seus alunos, em que contexto vivem e do que é que precisam e, dessa forma, “observa o que cada aluno pode potenciar, criar ou melhorar em termos de habilidades intelectuais e físicas, como também em relação às suas dimensões afetivas, volitivas e transcendentais” (Rojas, 2015), incentivando a conquista da autonomia e da autoestima e promovendo um ambiente cordial e seguro. Ele conduz o discente ao autoconhecimento e à autonomia, a desenvolver seus dons e habilidades, a aceitar as suas dificuldades e superá-las e a desenvolver virtudes pessoais e sociais (Milano, 2022). Todavia, para que isso ocorra, o docente deve saber escutar, confiar no preceptorado, se importar com ele e promover uma comunicação pessoal entre professor e aluno, o que exige sensibilidade e formação por parte do professor.

Nessa perspectiva, alguns problemas podem vir a aparecer durante o seu desenrolar os quais podem prejudicar os seus resultados. Como foi visto, uma boa relação entre preceptor e preceptorado é primordial e, conseqüentemente, o desinteresse e a desconfiança entre ambos é

muito desfavorável às preceptorias. O desinteresse por parte do docente pode acarretar preceptorias mal estruturadas ou não personalizadas ao estudante, sem a formulação de, por exemplo, PPMs que sejam condizentes com a personalidade de cada um, enquanto o desinteresse do estudante e das famílias pode provocar a não realização do Plano Pessoal de Melhora, o que faz a preceptoria ser ineficaz. Ademais, devido à necessidade de estruturação e sistematização prévia das preceptorias, os problemas e dificuldades apresentadas pelos alunos não podem ser resolvidos de imediato, tendo que se esperar até a data e o horário da preceptoria para que se possam formular estratégias que ajudem o aluno.

Entretanto, uma preceptoria de qualidade, bem formulada e baseada na confiança entre preceptor e preceptorado, apresentam resultados como o desenvolvimento da autonomia (Milano, 2022) e o favorecimento do crescimento com liberdade (Paiva; Santos, 2022), levando o educando a refletir sobre si mesmo, suas necessidades e originalidades, e direcionando-o ao seu próprio projeto pessoal de vida (Paiva; Santos, 2022). Ademais, sendo “a preceptoria um elemento próprio da atividade educativa docente, ela facilita os processos de ensino-aprendizagem e se constitui como um recurso de qualidade que melhora a educação” (Bruno Milano, 2022, p. 9, **tradução nossa**).

3.2 TUTORIA E PRECEPTORIA

Apesar de alguns autores como Rojas (2015) e Milano (2022) utilizarem “tutoria” como sinônimo de “preceptoria”, ao longo da pesquisa notou-se que existem diferenças entre o que alguns chamam de “tutoria” e a preceptoria escolar propriamente dita.

SEP (2017, p. 127 *apud* Cervantes, 2018, p. 97, **tradução nossa**) caracteriza a tutoria como

Processo de acompanhamento mediante um conjunto de atividades organizadas que guiam o estudante para receber uma atenção educativa personalizada e individualizada por parte do professor responsável, por meio da estruturação de objetivos, programas, organização por áreas técnicas pedagógicas adequadas e integração de grupos segundo determinados critérios e mecanismos de acompanhamento e controle, para oferecer uma educação compensatória ou emendadora aos alunos com dificuldades acadêmicas.

Nesse sentido, percebe-se que a tutoria envolve muito mais aspectos acadêmicos e é voltada para a correção e o auxílio de dificuldades as quais podem surgir durante o processo de ensino-aprendizagem, enquanto que a preceptoria é analisa as dimensões física, intelectual, volitiva, afetiva e transcendente do estudante, servindo tanto para emendar dificuldades que possam apresentar acerca do seu desenvolvimento como pessoa, como prevenir maus hábitos e potencializar as habilidades e os bons hábitos que o estudante possui. Diante disso, apesar de

utilizarem “tutoria” como sinônimo de preceptoria, nem sempre “preceptoria” será sinônimo de tutoria. Assim, após os esclarecimentos acerca do que é preceptoria e o que não é, tem-se uma imagem mais clara acerca do objeto de pesquisa e pode-se realizar uma teoria acerca de sua articulação com a avaliação formativa.

3.3 ARTICULAÇÃO ENTRE PRECEPTORIA E AVALIAÇÃO FORMATIVA

A partir das análises realizadas, é possível identificar similaridades, diferenças e, conseqüentemente, limites e possibilidades da articulação entre a avaliação formativa e a preceptoria. Sobre as similaridades, a primeira etapa tanto da avaliação formativa quanto a da preceptoria é a observação e o conhecimento dos estudantes. Para que essa observação ocorra e para que o professor consiga compreender as necessidades, interesses e capacidades dos estudantes, os objetos em estudo podem fazer uso, entre muitos instrumentos, da observação direta e da avaliação informal, não necessariamente intencional, que se dá pela interação de estudantes com a comunidade escolar, seja ela professores, outros educadores que atuam na escola ou outros estudantes (Villas Boas, 2019).

Para os dois o professor é primordial e deve ser capaz de apreender as características próprias de cada estudante, suas dificuldades e as metas que já alcançou, preferencialmente anotando todas essas observações. O professor pode utilizar-se de suas anotações para compreender, com focos diferentes, os aspectos nos quais o discente mais precisa de seu auxílio e os melhores modos de ajudá-lo dentro das características próprias deste. Ademais, ambos os objetos têm de serem implementados com intencionalidade e com uma determinada frequência, sendo a preceptoria quinzenal, mensal ou trimestral, e a avaliação formativa podendo ser até mesmo diária. Concomitantemente, buscam evidências para a promoção de reformulações e levam em conta o progresso e o esforço individuais dos estudantes até o presente momento, “para que aspectos associados a sucesso e alta qualidade possam ser reconhecidos e reforçados, assim como os aspectos insatisfatórios possam ser modificados ou melhorados” (Villas Boas, 2006, p. 8).

Apesar das semelhanças significativas, a avaliação formativa e a preceptoria também se divergem em muitos pontos, sendo eles teóricos e práticos. Primeiramente, em aspectos de área, a avaliação formativa encontra-se na área da avaliação, enquanto a preceptoria, no âmbito da orientação. Esta ocorre em um momento certo e planejado, podendo até mesmo ser agendada, enquanto a aquela é contínua. Somado a isso, todos os membros de uma equipe docente poderiam aplicar avaliações formativas com o mesmo estudante, todavia, no caso da

preceptoria, apenas um professor pode ser o preceptor de um estudante e aplicar preceptorias com ele. Assim, por exemplo, um professor-preceptor que faltou ao trabalho por um curto período, não pode ter um substituto para a realização das preceptorias.

Sobre a temática e os conteúdos de cada um, a avaliação formativa reporta o rendimento do estudante frente aos objetivos cognitivos e curriculares esperados para ele, e a preceptoria pode abordar o aspecto físico, intelectual, volitivo, afetivo e transcendente do estudante, focando em seu plano de vida. Sob esse viés, o *feedback* da avaliação formativa trata da informação coletada pelo docente e repassada ao discente acerca da lacuna entre o nível atual de aprendizado desse e o nível em que se espera que ele atinja, referindo-se mais especificamente à apreensão do estudante acerca das matérias e conteúdos curriculares. Paralelamente, a preceptoria trabalha com os preceptorandos dentro do aspecto cognitivo aspectos acadêmicos, como planos de estudo e técnicas de organização do tempo, rendimento escolar em cada matéria estudada, ou seja, se está progredindo ou não, a disposição positiva ou negativa diante de cada matéria, sua motivação, interesse na disciplina e suas razões etc., e suas atitudes diante da escola (Rojas, 2015), desse modo, na maioria dos casos, não aborda diretamente a unidade didática trabalhada em sala.

Arelado a isso, na avaliação formativa, o professor utiliza as informações advindas da informalidade para entender os resultados, e, assim, compor a sua compreensão sobre o desenvolvimento de cada aluno (Villas Boas, 2019). Em contrapartida, na preceptoria, o preceptor utiliza essas informações para planejar as preceptorias e traçar possíveis PPMs para cada estudante, além de compor o leque de informações que possui sobre seu preceptorado para compreender melhor a integralidade deste. Nesse viés, na avaliação formativa, a partir das avaliações e informações coletadas, o plano de aula pode ser alterado pelo professor para melhor atender às dificuldades e potencialidades dos estudantes, já a preceptoria não apresenta essa abordagem. A preceptoria propões metas criadas em conjunto pelo preceptor e pelos pais ou pelo preceptor e pelo preceptorado, as quais são concretas e individuais a cada estudante. Contudo, as diferenças, assim como as semelhanças, geram a possibilidade de articulação entre os objetos.

A análise do progresso de cada estudante a partir dos registros dos acontecimentos, das observações e avaliações informais e dos resultados das atividades gera informações sobre os estudantes as quais podem ser utilizadas tanto para a formulação de preceptorias quanto para a construção de avaliações formativas, possibilitando que o *feedback* seja apresentado a cada estudante da maneira mais adequada a ele. Desse modo, uma mesma atividade que produza informação sobre o estudante poderia ser utilizada em duas funções, reduzindo um pouco o

trabalho do professor de formulação e análise das avaliações para apenas um fim, ao invés de dois.

Somado a isso, Villas Boas (2006) afirma que o julgamento da produção e o *feedback* que são oferecidos ao estudante levam em conta o processo de aprendizagem desenvolvido pelo estudante, o esforço por ele dependido e o contexto particular de seu trabalho. Nesse sentido, a preceptoria auxilia a avaliação formativa a partir do momento em que, buscando entender o estudante em sua integralidade dentro dos aspectos: físico, intelectual, volitivo, afetivo e transcendente, auxiliam o professor a ter uma visão mais ampla sobre o estudante. De maneira análoga, a avaliação formativa complementa a preceptoria, posto que esta não gera um *feedback* sobre as aprendizagens das unidades didáticas específicas que o aluno está aprendendo.

Dessa forma, com *feedbacks* de diversas áreas e com a (re)formulação tanto de PPMs quanto de planos de aula, o estudante consegue ter uma percepção mais completa de si, de seus progressos e de suas potencialidades, e isso conseqüentemente estimula seu automonitoramento (Villas Boas, 2006) e sua autonomia (Paiva; Santos, 2022), cumprindo os objetivos de ambas avaliação formativa e preceptoria. Assim, a preceptoria, trabalhando dentro do aspecto volitivo e na formulação de bons hábitos e com o apoio dos pais em seu processo, pode auxiliar aos estudantes a desenvolverem bons hábitos diários de estudo, auxiliaria em uma das dificuldades apontadas por Villas Boas (2019) para a avaliação formativa por exemplo.

Tudo isso é possível posto que todo preceptor é também professor e, portanto, realiza diariamente atividades tradicionais de um professor, como estruturar e organizar aulas e formular atividades e avaliações, além de atividades próprias de um preceptor, como auxiliar no desenvolvimento pessoal dos educandos e desenvolver planos de ação, sendo duas atividades as quais requerem observação e conhecimento do educando. Portanto, apesar da preceptoria não poder ser enquadrada dentro dos instrumentos da avaliação formativa, por não necessariamente ter “[...]o intuito de fornecer informações a serem usadas como *feedback* para reorganizar o trabalho pedagógico” (Black; Dylan, 1998 *apud* Villas Boas, 2006, p.8), ela e a avaliação formativa podem ser caracterizadas como instrumentos complementares para o entendimento do ser estudante/preceptorando e para o cumprimento dos objetivos próprios de cada uma.

4 METODOLOGIA

Este capítulo trata da metodologia utilizada para a realização deste trabalho. São apresentadas a tipologia de pesquisa e sua abordagem. Ademais, os procedimentos e instrumentos utilizados serão apontados, assim como as obras selecionadas e os sujeitos participantes serão caracterizados dentro do ambiente de pesquisa.

4.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E TIPOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa possui duas etapas, sendo a segunda subsequente e complementar à primeira, e cada uma apresenta metodologias próprias. Assim, no primeiro momento foi utilizada a revisão de literatura com a finalidade de localizar os objetos de estudo frente aos conhecimentos já adquiridos pela sociedade acadêmica acerca deles e, em um momento posterior, foi utilizada a metodologia qualitativa de entrevistas com um grupo selecionado por meio da amostragem do tipo Bola de Neve².

A primeira etapa, portanto, trata-se da revisão de literatura. Essa etapa mostra-se importante por inserir o pesquisador dentro das perspectivas atuais acerca do objeto de estudo, e assim fazê-lo “compreender melhor o que já foi escrito sobre nossa ideia geral inicial, e, então, definir a perspectiva pela qual a pretendemos estudar determinado fenômeno.” (Mattar; Ramos, 2021, p. 40) e evitar repetir os estudos de pesquisas anteriores. Dessa maneira, inicialmente buscou-se realizar uma revisão bibliométrica de literatura utilizando os operadores *booleanos* ("la preceptoria" AND "evaluación formativa"). Contudo, os resultados obtidos não alcançaram os parâmetros desejados e percebeu-se que uma revisão bibliométrica seria pouco proveitosa no início da constituição de um campo de conhecimento, quando os estudos disponíveis podem ser ainda limitados. Nesse ínterim, optou-se por uma revisão narrativa, separando os objetos e alterando a metodologia para o levantamento bibliográfico.

Diante disso, posto que meu contato principal com a preceptoria foi em uma escola particular que estagiei, solicitei a eles que me indicassem artigos sobre a temática. Funcionários dessa escola indicaram, portanto, livros, monografias e a base de dados da Universidade de

² A amostragem de Bola de Neve é caracterizada por Vinuto (2014, p.203) como “uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência.” e sua execução se dá da seguinte forma: inicialmente, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. [...] Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente [...].”

Navarra na Espanha. Iniciou-se a pesquisa na base de dados de Navarra utilizando o termo “preceptoria”, entretanto a revisão de literatura se mostrava com poucas perspectivas e, dessa maneira, utilizou-se “tutoria” como sinônimo e, a partir das referências bibliográficas dos textos selecionados e analisados dessa base de dados, outros textos foram analisados e selecionados.

No decorrer dos estudos sobre os textos escolhidos, percebeu-se uma divergência entre os termos “preceptoria” e “tutoria”, visto que “tutoria” é sinônimo de preceptoria (Millano, 2022) (Mañú, 2017), mas “tutoria” pode se referir a outros aspectos do campo da orientação e não apenas à preceptoria. Consequentemente, houve a necessidade de formular critérios para a seleção de artigos referentes a cada conceito, posto que seria realizado um diálogo entre as duas temáticas. A partir dessa perspectiva, a seleção dos textos sobre a temática da tutoria se deu com base em três critérios: 1) se se tinha a tutoria como tema principal, 2) se retratava a realidade da educação básica e 3) se era um texto revisado por pares, enquanto que os textos sobre a preceptoria, ainda mais escassos do que os anteriores, foram selecionados com base nos parâmetros de 1) se se tratava da preceptoria como tema principal, utilizando-se da palavra “preceptoria” 2) se retratava a educação básica e 3) se revelavam a realidade brasileira.

Entretanto, após dificuldades serem apresentadas no que se refere aos limites entre tutoria e preceptoria, para que textos sobre preceptoria, mas que se utilizam do sinônimo “tutoria” não fossem erroneamente utilizados como algo diferente de preceptoria, decidiu-se por realizar uma revisão narrativa apenas referente ao objeto “preceptoria”, utilizando-se apenas dos textos sobre preceptoria, os quais foram selecionados a partir dos critérios supracitados, com o aditivo de que se pudesse utilizar de textos revisados por pares os quais utilizassem o termo “tutoria” como sinônimo de “preceptoria” desde que estes fossem retirados das referências bibliográficas diretas dos artigos selecionados que empregam a palavra “preceptoria”.

Paralelamente, a revisão de literatura referente à avaliação formativa teve como base o site da professora Benigna Villas Boas, chamado Benigna Villas Boas, o Google Acadêmico e a Biblioteca Científica Virtual da plataforma SciELO, além de textos os quais eu já havia estado em contato durante as aulas de Avaliação Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como o “Construindo a avaliação formativa em uma escola de educação infantil e fundamental” (Villas Boas, 2019). Concomitantemente, foram escolhidos como critérios de seleção: 1) textos e obras da professora Benigna Villas Boas, 2) com temática principal da avaliação formativa e 3) fazerem referência à educação básica.

Dessa maneira, utilizando diferentes tipologias de obras e textos com a finalidade de compreender as possíveis conexões entre a preceptoria e a avaliação formativa, a revisão de

literatura realizada vai de acordo com as características propostas pela Biblioteca Prof Paulo de Carvalho Mattos (2015, p.2), que afirma que a

Revisão da literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo de conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica. ‘Literatura’ cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatos governamentais, teses e dissertações e outros tipos.

Em um segundo momento, utilizou-se a metodologia de pesquisa qualitativa das entrevistas realizadas por amostra de bola de neve (Vinuto, 2014) as quais relacionam os dois objetos focos de estudo. A pesquisa qualitativa, por meio de metodologias como observação, entrevistas e análise documental, busca selecionar poucos participantes intencionalmente para que o pesquisador consiga “[...]compreender determinados fenômenos em profundidade. Isso implica explorá-los e descrevê-los por diversas perspectivas, além de compreender os significados e as interpretações e os participantes da pesquisa atribuem a esses fenômenos e às suas experiências” (Mattar; Ramos, 2021, p. 131).

Atrelado a isso, na presente pesquisa os elementos de análise foram apreendidos por meio de desenhos e gravação de voz de entrevistas, com posterior transcrição das falas e representação por desenhos das crianças, entrevistas semiestruturadas com os adultos, sejam eles da equipe pedagógica ou responsáveis pelas crianças, que participam do processo de aplicação das preceptorias, além de entrevistas abertas com as crianças. Assim, o instrumento de pesquisa de entrevista foi escolhido, visto que “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (Lüdke; André, 1986, p. 34).

Diante disso, pela preceptoria ser pouco conhecida no Brasil, o grupo de entrevistados é muito restrito e formado por indivíduos principalmente atrelados à preceptoria e, em sua maioria, pouco conhecedores da área da pedagogia, como as crianças e seus pais, com mediano ou baixo conhecimento acerca da avaliação formativa. Dessa maneira, a pesquisa tomou caráter de pesquisa de amostragem bola de neve e compõem-se o universo de participantes: duas professoras-preceptoras, cinco responsáveis e duas crianças.

A amostragem bola de neve é uma forma de amostra não probabilística que “procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador com um conjunto cada vez maior de contatos potenciais, sendo que o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação” (Vinuto, 2014, p. 204). Desse modo, tendo a diretora da instituição particular na qual foi realizado o trabalho como a denominada “semente” (Vinuto,

2014), ou seja, o contato primário que indica novos contatos para serem entrevistados pela pesquisadora, a diretora auxiliou na seleção das duas crianças as quais, a princípio apresentam maior noção acerca do que é a preceptoria, e, a partir das relações dessas crianças, foram convidados seus pais e preceptoras, que constituem o grupo da pesquisa.

Nessa conjuntura, foram selecionados membros da equipe pedagógica da escola, uma vez que estes formulam as preceptorias e, portanto, conhecem intimamente suas etapas e implementações, além de possuírem conhecimentos pedagógicos e conhecerem a área da avaliação, um grupo de crianças, posto que as preceptorias são realizadas diretamente com elas ao longo do Ensino Fundamental e elas são os indivíduos sobre as quais são realizadas as preceptorias na Educação Infantil, e um grupo de pais, pois a preceptoria é um aporte para o auxílio da família na educação dos filhos e pois as preceptorias na Educação Infantil são realizadas exclusivamente com os pais sobre as crianças e ainda há reuniões no Ensino Fundamental com os pais.

Em suma, devido à amostragem de bola de neve se tratar de “documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral” (Vinuto, 2014, p. 203), percebe-se que tanto as entrevistas quanto à revisão de literatura contam com essa metodologia, uma vez que esta utilizou-se da referência bibliográfica de artigos para encontrar e eleger outros artigos que seriam utilizados.

Com o objetivo, portanto, de se entrevistar um grupo constituído tanto por crianças quanto adultos, ou seja, um projeto de pesquisa de ciências humanas relacionado a seres humanos, o projeto de pesquisa formulado previamente foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa por meio da Plataforma Brasil em julho de 2023 e aprovado em setembro do mesmo ano³. Ademais, visto que a pesquisa qualitativa é basicamente interpretativa e que “a análise, discussão e interpretação dos resultados envolve a identificação de padrões recorrentes e sua comparação com a literatura e o referencial teórico.” (Mattar; Ramos, 2021, p. 132), as entrevistas contaram com perguntas sobre a estrutura e desenvolvimento de uma entrevista de preceptoria, sobre as implicações dela no processo de ensino-aprendizagem do estudante e sobre os possíveis impactos e reflexos causados por ela na avaliação da criança. Por fim, os pedagogos, que apresentam uma formação prévia, ao mínimo básica, acerca dos objetos em estudo, preceptoria e avaliação, foram questionados sobre a percepção deles sobre a articulação entre os objetos. Dessarte, as entrevistas possuem a finalidade de, por meio da compreensão da

³ A aprovação da pesquisa pode ser consultada pelo CAAE: 73410223.2.0000.5540.

estrutura da preceptoria e da forma de avaliação de uma escola particular de Brasília, perceber-se mais claramente as articulações práticas entre os dois instrumentos.

Em resumo, a metodologia de pesquisa conta com uma revisão narrativa de literatura e uma metodologia qualitativa de entrevista com uma amostra bola de neve a qual teve início com a diretora da escola como semente. Todavia, apesar de uma metodologia estruturada, alguns problemas surgiram ao longo de suas etapas, em especial no decorrer do levantamento bibliográfico.

4.2 TRAJETÓRIA PARA O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Tive meu primeiro contato com a preceptoria em 2021 ao longo dos 18 meses nos quais trabalhei em uma escola de Educação Personalizada. Durante esse período, pude participar de formações e entrar em contato com livros sobre essa metodologia de ensino, ao mesmo tempo em que pude auxiliar outras professoras na formulação prévia da estrutura de entrevistas de preceptorias com as famílias, além de ser informada sobre o desenrolar delas. Concomitantemente, na mesma instituição, tive entrevistas de preceptoria como preceptorada e tendo uma preceptora a qual marcava encontros mensais comigo e me ajudava a formular meus próprios PPMs.

Arelado a isso, em 2022 durante as aulas de Avaliação Escolar na Universidade de Brasília, ensinaram-me acerca da avaliação formativa e me apresentaram à diversos autores da área de avaliação como Hadji (2001), Luckesi (2000) e Villas Boas (2019). Nesse cenário, a obra da Professora Benigna chamou a minha atenção por frisar a necessidade de dar um *feedback* acerca das avaliações aos alunos e de realizar mudanças imediatas nos planos de aula, porém planejadas, para atender às necessidades dos alunos.

A partir do contato com a avaliação formativa de Villas Boas e com a preceptoria surgiu o questionamento de se e como elas poderiam ser articuladas para promover um ensino de qualidade. Dessa maneira, com essa pergunta como ponto de partida, comecei meu levantamento bibliográfico.

Nesse sentido, primordialmente, em maio de 2023, foi feita uma seleção nas seguintes bases de dados: Medline, Cinahl, Embase, Lilacs, Cochrane Controlled Trials Database, SciSearch, Scielo, Google Acadêmico e Capes. SciSearch e Cochrane foram descartadas a princípio por se tratar de uma base para estudos da área de ciências e a Lilacs por se tratar de uma base voltada para ciências, tecnologia e saúde, assim como a Embase é voltada para a biomedicina. Somada a essas bases de dados amplamente conhecidas, bases de dados de

universidades brasileiras também foram pesquisadas, como a base de dados da Unicamp, da USP e da Biblioteca da Universidade de Brasília.

Inicialmente as bases de dados brasileiras foram priorizadas. Os critérios de seleção a princípio foram: a) tratar-se de um artigo científico avaliado por pares que b) fosse escrito em português e que c) compreendesse a temática tanto da preceptoria escolar quanto da avaliação formativa. Sob esse prisma, a pesquisa iniciou-se com a busca nessas bases de dados com a utilização dos operadores booleanos: (preceptoria AND "avaliação formativa"). Entretanto, pela preceptoria ser um elemento educativo difundido, em especial, na Espanha, rapidamente foi percebida a necessidade de ampliar os operadores *booleanos* para: (preceptoria AND "avaliação formativa") OR ("la preceptoria" AND "evaluación formativa"), abrangendo a língua espanhola.

Logo após o início das pesquisas, devido à escassez de artigos e monografias as quais abrangessem as duas temáticas em conjunto, novamente os operadores *booleanos* foram alterados para (preceptoria AND "avaliação formativa") OR ("la preceptoria" AND "evaluación formativa") e (preceptoria OR "avaliação formativa") OR ("la preceptoria" OR "evaluación formativa"). Todavia, um novo empecilho foi descoberto: o termo preceptoria, apesar de não ser difundida nas escolas brasileiras, é um termo amplamente utilizado na área da saúde em diversos países para se tratar dos professores de medicina, enfermagem e biomedicina que, por exemplo, acompanham estudantes em hospitais, o que se afasta totalmente da preceptoria em estudo. Assim, após longas pesquisas na base de dados da Unicamp, do Scielo, da USP e do próprio Google Acadêmico foram descartadas, por apresentarem uma diversidade de, por vezes, mais de 17.000 resultados de pesquisa, mas que falassem de preceptoria médica ou apenas da avaliação.

Começou-se assim a decisão por separar as pesquisas em bases de dados sobre os temas e criar uma bibliografia para a preceptoria e outra para a avaliação formativa. Diante disso, também foi necessária a adoção de um novo critério de exclusão sobre os textos acerca da preceptoria. Estes deveriam tratar da preceptoria escolar dentro da educação básica e de sua estrutura, podendo ser trabalhos com estudos de caso em escolas regulares ou que se tratassem dela como foco principal. Analogamente, os textos sobre avaliação formativa também deveriam ser textos avaliados em pares os quais tratassem na avaliação formativa com base na visão da professora Benigna Villas Boas (2006).

Em seguida, foi necessário também realizar uma busca por novos sinônimos de preceptoria, na tentativa de melhorar os resultados das pesquisas. Desse modo, descobriu-se que a preceptoria poderia ser tratada por preceptoria acadêmica, preceptoria juvenil, tutoria ou

mentoria. Conforme as descobertas, todas as bases de dados foram analisadas novamente com essas novas nomenclaturas e o resultado continuou por se tratar de preceptorias médicas ou monografias sobre a juventude.

Nesse panorama, uma abordagem mais informal foi necessária. Tive de entrar em contato com duas referências em preceptoria escolar no Brasil e com 8 escolas as quais aplicam a preceptoria. Dentro disso, algumas delas me enviaram indicações de artigos e, em especial, uma monografia de pós-graduação de uma diretora de colégio de Educação Personalizada brasileira (Rojas, 2005) e uma dissertação de mestrado de um estudante da Espanha (Milano, 2022) o qual fez um estudo de caso sobre a preceptoria em uma escola brasileira, trabalhos estes que me possibilitaram ter acesso à novas bases de dados de universidades espanholas e de outras nacionalidades. Analogamente, foram, por um membro de uma dessas instituições, indicadas as bases da Universidade de Navarra e de Villanueva.

Na faculdade de Navarra foram realizadas pesquisas sobre “preceptoria”, mas nenhum resultado favorável foi encontrado, então usou-se o termo “tutoria” e o operador *booleano* (“Tutoría” & “evaluación formativa”) e enfim foram encontrados bons resultados sobre a tutoria e dois artigos com as duas temáticas, mas a tutoria referente à Educação Superior. Ademais, após uma análise acerca das referências bibliográficas dos artigos encontrados sobre preceptoria, novos artigos sobre o tema foram encontrados, totalizando 8 artigos os quais foram avaliados. Portanto, torna-se evidente a escassez de materiais os quais versem acerca da temática da tutoria, em especial no Brasil.

Analogamente, foram encontrados acerca da temática da avaliação formativa para a professora Benigna Villas Boas (2006) três obras de sua autoria e quatro textos redigidos por ela e publicados em seu próprio site, os quais foram selecionados. A professora Benigna afirma que a avaliação formativa deve ser aquela “que engloba todas as atividades desenvolvidas pelos professores e seus alunos, com o intuito de fornecer informações a serem usadas como *feedback* para reorganizar o trabalho pedagógico” (Villas Boas, 2001, p. 8).

Essa parte da pesquisa de levantamento bibliográfico iniciou-se em maio de 2023 e, em outubro foram selecionados os artigos os quais poderiam ser utilizados para a pesquisa, seguindo os critérios mencionados anteriormente:

Título	Autoria de Villas Boas	Tema central: Avaliação formativa	Educação Básica	Tipologia
Avaliação Formativa: práticas inovadoras	X	X	X	Livro
Conversas sobre Avaliação	X	X	X	Livro
Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio	X	X	X	Artigo
Construindo a avaliação formativa em uma escola de educação infantil e fundamental	X	X	X	Capítulo de livro
De qual avaliação precisamos? Alguns apontamentos	X		X	Texto online
A avaliação está sempre presente nas decisões e práticas pedagógicas	X		X	Texto online
Cultura avaliativa	X		X	Texto online

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Sob esse prisma, para se trabalhar a avaliação formativa, o texto “Construindo a avaliação formativa em uma escola de educação infantil e fundamental” (Villas Boas, 2019) foi selecionado por trazer uma contextualização histórica da avaliação formativa e uma situação real de sua aplicação em escolas brasileiras, o “Conversas sobre Avaliação” (Villas Boas, 2019) por localizar a avaliação formativa dentro do contexto atual e os textos “Avaliação Formativa: práticas inovadoras” (Villas Boas, 2019) e o “Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio” (Villas Boas, 2006) por apresentar explicitamente a avaliação formativa.

Entretanto, ao começar a seleção dos textos sobre preceptoria, notou-se uma dissonância entre os conceitos de “preceptoria” e “tutoria”. O termo tutoria pode ser usado como sinônimo de preceptoria, como mostra trabalhos como o de Milano (2022), porém o termo “preceptoria” não pode ser usado como sinônimo de “tutoria”, posto que a tutoria, após os estudos, apresentou aspectos e focos destoantes da preceptoria escolar. Desse modo, inicialmente foi proposta a

realização de uma análise comparada dos dois instrumentos e para que o objeto preceptorial se tornasse mais claro, como pode-se visualizar na tabela do Apêndice D.

Durante a divisão dos textos referente a cada temática, alguns textos que empregavam a palavra “tutoria” não deixavam claro se eram relativos à preceptorial ou a algum outro aspecto da tutoria, o que acarretou a decisão por realizar uma revisão narrativa somente do objeto “preceptorial”, utilizando-se apenas dos textos sobre preceptorial, os quais tratavam da preceptorial como tema principal, utilizando-se da palavra “preceptorial”.

QUADRO 2: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO – PRECEPTORIAL/TUTORIA

Título	Autor	Tema central: Preceptorial	Educação Básica	Realidade Brasileira	Revisado por pares
Acción tutorial y comunidad de aprendizaje	Antonio Aguilera Jiménez y M ^a Teresa Gómez del Castillo Segurado		X		X
A preceptorial no Ensino Médio: a importância da educação afetiva	Ana Paula de Oliveira Mazoni Vanzela Paiva; Sandra Morais Ribeiro dos Santos	X	X	X	X
Educación exitosa para todos: la tutoría como proceso de acompañamiento escolar desde la mirada de la equidad educativa	Brenda Imelda Boroel Cervantes José Sánchez Santamaría Karla Denisse Morales Gutiérrez Patricio Sebastián Henríquez Ritchie		X		X
El papel de la tutoría y la orientación educativa en las necesidades formativas de los estudiantes de Educación Básica	Yuliana Betzabeth Castillo Chávez Ned Vito Quevedo Arnaiz		X		
La acción tutorial	Luis Lavilla Cerdán		X		X
La tutoría como espacio de democracia: una mirada desde la voz de los docentes en formación	Noelia Ceballos López		X		X
La tutoría en secundaria	Josefina Álvarez Justel		X		X

O papel do tutor na educação personalizada - características e diferenciais práticos	Gisela Viana Avancini Rojas	X	X	X	
Percepción de la acción tutorial en un centro de educación secundaria	Antonio José Moreno Guerrero , Jesús López Belmonte , e Santiago Pozo Sánchez		X		X
Tutoría en acción	Pilar Martínez Clares		X		X
Valor y satisfacción con las preceptorías en los colegios de Infantil y Primaria	Bruno Milano	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Diante disso, os textos “Valor y satisfacción con las preceptorías en los colegios de Infantil y Primaria” (Milano, 2022) e “O papel do tutor na educação personalizada - características e diferenciais práticos” (Rojas, 2015) foram selecionados, visto que, apesar de não serem todos revisados por pares, revelam a preceptoría em sua estrutura e aplicação em contexto brasileiro, enquanto que “A preceptoría no Ensino Médio: a importância da educação afetiva” (Paiva; Santos, 2022) foi selecionado por ser referente à temática e revisado por pares.

5 FALAS ÚNICAS

A pesquisa empírica foi realizada de maneira qualitativa por meio de entrevistas com a participação de duas crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular, seus pais e suas preceptoras, sendo uma delas a professora regente das duas crianças. O objetivo das entrevistas é encontrar na fala de uma pequena parcela de uma comunidade escolar brasileira as possibilidades de diálogos entre a avaliação formativa e a preceptoria. Nesse sentido, o capítulo apresenta a estrutura e os contextos de cada entrevista, seu desenvolvimento e resultados.

5.1 O JOGO DAS ENTREVISTAS

A primeira etapa para a realização das entrevistas foi o diálogo com a coordenação da escola particular brasiliense a qual aplica as preceptorias tanto com as famílias quanto com as crianças. A escola, após autorizar possibilidade de realização de entrevistas com alunos, professores e pais, dispôs à pesquisadora uma lista de crianças as quais eles indicaram serem entrevistadas. A partir dessa pré-seleção de crianças, seus pais e preceptores foram igualmente selecionados como candidatos a participarem da pesquisa, contabilizando 2 crianças, 5 responsáveis e 2 professoras-preceptoras. Diante disso, foram realizadas sete entrevistas, cada uma com sua particularidade.

As entrevistas foram realizadas com base em três roteiros semi-estruturados. Os roteiros foram divididos entre roteiro de entrevista semiestruturada para os preceptores (APÊNDICE A), roteiro de entrevista semiestruturada para as crianças (APÊNDICE B) e roteiro de entrevista semiestruturada para os pais das crianças que participam dos encontros de preceptoria (APÊNDICE C). Assim, posto que todo preceptor é também professor (Rojas, 2015) e, portanto, foi suposto previamente que apresentariam um conhecimento mais técnico da área da pedagogia referente à área da avaliação e do processo de ensino-aprendizado, as perguntas realizadas a eles circulavam mais especificamente a temática da avaliação formativa e da preceptoria como instrumento do processo de ensino-aprendizado. Analogamente, o referente aos pais das crianças se referiam às preceptorias realizadas entre eles e as preceptoras sobre seus filhos ao mesmo tempo em que se referiam também as percepções deles acerca da forma que a escola avalia a escola e acerca dos reflexos das preceptorias na vida dos filhos. Por fim, o roteiro referente às crianças, somado ao pedido que fizessem um desenho do preceptor dando aula para ele, em um momento a parte da preceptoria, têm o grande objetivo de descentralizar a visão

“adultocêntrica” da pesquisa e revelar a percepção das crianças sobre a forma que estão sendo avaliadas e sobre os impactos das preceptorias sobre si.

Sob esse prisma, todos os participantes tiveram a possibilidade de escolher os nomes que seriam utilizados para se referir a eles na pesquisa. Um dos alunos escolheu o nome de “São João Paulo II” por ser um menino católico e que gosta muito desse santo, sua mãe, que é pedagoga, escolheu ser chamada de “Joana” e sua preceptora, que é também professora regente de sua turma e da turma da segunda criança, de “Adriana”. O outro aluno escolheu ser chamado de “Amigo”, mas não soube explicar o motivo da escolha do nome. Seus pais deixaram para a pesquisadora a escolha do nome fictício e, desse modo, eles serão chamados de “Lais” e “Vinícius” e sua preceptora e professora de religião, “Teresa”.

A primeira entrevista realizada foi a com São João Paulo II. Sua entrevista ocorreu na própria escola onde estuda durante o horário de sua aula com a autorização de Joana, sua mãe, da coordenação de sua escola e com a confirmação de Adriana, sua professora, de que a criança não iria perder nenhum conteúdo e que ele não seria de forma alguma prejudicado. Posto que eu já conhecia a criança por já ter trabalhado na escola, mas acreditar que ele poderia não se lembrar de mim ou não se sentir confortável, levei um baralho para jogarmos um jogo chamado “Rouba Monte”. Perguntei então à criança se ele preferia só conversar ou jogar e conversar, e ele optou por jogar enquanto conversávamos, afirmando que, durante algumas de suas preceptorias, a preceptora também conversava com ele enquanto jogavam. Assim, ele ficou à vontade e conversamos até que as cartas do baralho acabaram e, quando isso aconteceu, foi solicitado a ele que fizesse um desenho dele com a sua preceptora em sala de aula.

Logo em seguida foi realizada a entrevista de Joana, sua mãe. Joana é pedagoga e trabalha na escola de seu filho. Nesse contexto, a entrevista foi realizada no mesmo espaço que seu filho, mas durante o intervalo que tinha entre uma aula e outra. De maneira análoga, a entrevista de Adriana, preceptora de São João Paulo II e professora dele e do Amigo, ocorreu no dia seguinte em um café comercial enquanto tomávamos café da manhã. A entrevista de Teresa, preceptora de Amigo, ocorreu na semana seguinte em formato online por meio de uma chamada de vídeo do aplicativo WhatsApp devido às disponibilidades de tempo e de deslocamento tanto da pesquisadora quanto da entrevistada.

Por fim, as entrevistas de Lais, Vinícius e de Amigo, como são uma família, ocorreu na própria casa destes, com a intenção de que o ambiente familiar conhecido transmitisse ainda mais conforto e tranquilidade a Amigo durante a sua entrevista. Nesse cenário, a entrevista de Amigo aconteceu na sala de visitas de seu apartamento, em ambiente aberto e claro, e, como a entrevista de São João Paulo II tinha fluído bem com os jogos, foi perguntado a Amigo se

gostaria de jogar um jogo e ele, portanto, escolheu seu jogo favorito, “Cara a Cara” para que jogássemos. Ao final da entrevista novamente foi solicitado que fizesse um desenho dele com a sua preceptora em sala de aula e, assim como na entrevista de São João Paulo II, para a realização dos desenhos foram oferecidos diversos lápis de cor, uma caixa com 6 lápis de diferentes tons de pele, giz de cera, canetinha, lápis de escrever, apontador e borracha. Quando a entrevista terminou, os pais, Lais e Vinícius, que não participaram da entrevista de Amigo, foram para a sala de visitas, Amigo foi brincar com os irmãos, e a entrevista com eles aconteceu tranquilamente.

Após a finalização das entrevistas, foi realizada sua transcrição. A partir da transcrição, as entrevistas dos adultos Joana, Adriana, Lais, Teresa e Vinícius foram analisadas com base na metodologia de análise temática (Jovchlovich; Bauer, 2002) e os desenhos das crianças foram explorados com base na metodologia de compreensão ambígua (Staccioli, 2020), como será visto a seguir.

5.2 VOZES CATEGÓRICAS

As cinco entrevistas realizadas com adultos foram analisadas com base na metodologia de análise temática. Jovchelovich e Bauer (2002, p. 107) explicam essa metodologia afirmando que “As unidades do texto são progressivamente reduzidas em duas ou três rodadas de séries e de paráfrases [...] ambas reduções operam com generalizações e condensações de sentido [...] [e assim] desenvolve-se um sistema de categorias.”. Diante disso, as falas de cada transcrição foram colocadas em uma tabela, sendo aquelas colocadas em linhas diferentes a cada mudança temática notada pela pesquisadora. Em seguida, foi construída uma paráfrase para cada fala e, de cada paráfrase, foi retirada uma palavra-chave. A partir do conjunto de todas as palavras-chave foram feitas condensações dessas em categorias.

Nesse processo, das 92 palavras-chave criadas a partir das 5 entrevistas realizadas com adultos, as mais evidentes foram: “avalia” e suas variações, que apareceram 5 vezes; “5 dimensões”, 4 vezes; “*feedback*”, 5 vezes; e “PPM”, 8 vezes. Concomitantemente, esse grande conjunto de palavras-chave foi dividido em 5 possíveis categorias, a de Articulações, de Diálogos, a de Avaliação, a de Reformulações e a de Compromisso, como revela o quadro a seguir:

QUADRO 3: PALAVRAS-CHAVE PARA CATALOGAÇÃO

Adriana – 29	Joana – 15	Teresa - 18	Laís – 19	Vinícius - 15	96
Contato 5 Dimensões Pré-preceptoria Mutável Sigilo Diagnóstica Feedback PPM PPM Autonomia Unidade Partilha Planejamento Conversa Conjunto Volitiva Adaptações Identificação Feedback indireto Integrado Perceber Autonomia União Potencializa Poderia Avaliação qualitativa Individual Contínuas Relembra	Feedback Conhecer Necessidades 5 Dimensões PPM PPM Mudança Formular Planos Avaliação do rendimento Impacto indireto Autoconhecimento Reflete Família Tempo História	5 dimensões Pontos de melhora Planos Individuais/Comunidade Educativa Autonomia Feedback Continuidade Autonomia Incerteza dos resultados Trabalho em sala Inalteração Observação Dependendo do aluno Dependendo da Ciência e Disposição Dependendo da família Conhecer Avalia Eficácia Avaliar	Conhecer Vivências Partilhar informações Relato Dúvidas PPM Relevância da Família Tomar consciência Conversa Dimensões Avaliação cumulativa Anotações Resultados dos PPMs PPM Compartilhar Colaboração Ampla Impossível Limite	Anamnese Diagnóstica Relato Conhecer o perfil Conhecer Perfil Necessidades Retorno Proposta de PPM Notável Autoconhecimento e autonomia Revelar Avaliar Troca de informações Troca de informações	Palavras-chave mais evidentes: Avalia e suas variações (5) 5 dimensões (4) Feedback (5) PPM (8) Possíveis categorias: Diálogos (feedback) - 29 Avaliação – 18 Articulações (dimensões) - 11 Reformulações (PPM) - 22 Compromisso (autonomia) - 16

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A categoria “Articulações” engloba 11 palavras-chave, sendo 1/3 destas referentes à “5 dimensões”. Os relatos e estudos prévios mostram que preceptoria parte do princípio de que o aluno é um ser humano integral e o categoriza em 5 dimensões ⁴– físico, intelectual/cognitivo, volitivo, afetivo e transcendente – as quais se articulam para formar alguém único, irrepetível, que deve ser compreendido dentro delas e educado levando-as em consideração. Nesse sentido, Adriana relata que prepara a preceptoria baseando-se nas observações das 5 dimensões no aluno, suas articulações entre si e nas implicações dessas, apesar de achar que, para alunos do 1º ano, ela ajuda mais a dimensão volitiva do que a cognitiva.

Arelado a isso, Teresa explica que no início do ano faz um quadro das 5 dimensões e tenta nas 3 primeiras preceptorias, escutar para conhecer a rotina, os hábitos, identificando como estão cada preceptorado de acordo com as 5 dimensões. Todavia, a preceptora Adriana afirma que, no desenrolar das preceptorias, as dimensões são todas integradas, não “separadas

⁴ Segundo Rojas (2015, p. 8) “As dimensões física e intelectual estão diretamente relacionadas ao conhecimento e à habilidade adquiridos no processo de aprendizagem (atividades físicas, neuromotoras e cognitivas). A volitiva relaciona-se à educação da vontade, ou seja, por meio da repetição de bons hábitos, modos e costumes (ordem, obediência, disciplina, autonomia, sinceridade etc.), chega-se a virtudes importantes para a vida pessoal, que favorecem, sobretudo, um bom clima de convivência na escola e, por consequência, no ambiente familiar. [...] A dimensão afetiva está ligada ao reconhecimento e à designação de seus sentimentos (raiva, alegria, ciúme, carinho etc.) e a melhor forma de lidar com cada um deles nas diversas situações do cotidiano. [...] Por fim, a dimensão transcendente busca preencher a sede de todo homem pela verdade, pela origem e pelo fim de todas as coisas. A verdade, a bondade e a beleza são, pela tradição filosófica, transcendentes. [...] Esta dimensão é trabalhada por meio de práticas de piedade (orações, cantos etc.) e de histórias cristãs e de fundo moral e doutrinal.

em casinhas” e a mãe, Lais, concorda dizendo que, na verdade, tudo está conectado e dá o exemplo de ser filho:

Essa questão que ela [preceptora] observou de uma certa timidez, de uma falta de confiança, também impacta no cognitivo, porque se uma criança sempre acha que não vai conseguir fazer as coisas que é ruim, ela também não vai ter coragem de fazer uma atividade mais difícil[...]. Se você ajuda na segurança [...] ele vai ter mais coragem para as atividades pedagógicas.

Essa análise do estudante frente às suas dimensões é favorável para uma futura avaliação completa e justa dele realizada pelo professor ao mesmo tempo em que gera um sentimento de segurança por parte dos pais, que podem passar a confiar mais no docente por entenderem o discente, como mostra a fala de Joana: “Mas é muito bom quando a preceptora traz pontos do nosso filho que realmente conhece, que sabe quem é ele...”

A categoria “Diálogos” conta com 29 palavras-chave, incluindo as palavras “*feedback*”, “conversa”, “compartilha”, “conhecer”, “relato” e “troca de informações”. As entrevistas apontam que a preceptoria conta com muitos momentos de partilha e colaboração. De acordo com Adriana, os momentos de troca iniciam-se antes mesmo da própria preceptoria acontecer. Ela aponta que, no caso das preceptorias com os pais, ocorre uma pré-preceptoria com a coordenação da escola para discutir possíveis propostas de PPM e observações dos alunos. Correlato a isso, para a preparação das preceptorias individuais com os alunos, Teresa afirma:

converso também com outros professores e a professora regente do aluno, converso com quem tem mais contato diário com o aluno e, de acordo com isso e com o que teve na conversa [com o próprio aluno], vendo quais são os pontos de atenção, de melhora, eu vou traçando planos individuais, de como trabalhando esses pontos com ele.

Durante as preceptorias com as famílias, nas conversas formalmente agendadas com os pais para conversar sobre o desenvolvimento do filho dentro das 5 dimensões – física, intelectual/cognitiva, volitiva, afetiva e transcendente -, Joana diz que “As professoras trazem os pontos dele que precisam ser melhorados e os pontos que ele alcançou e a gente vai conversando e no final a gente traça o ppm dele.” e Vinícius completa dizendo que nas preceptorias “existe uma conversa bem ampla de como é a criança em casa. A professora sempre pergunta como ele agiu em casa referente à primeira [preceptorias], como é o perfil dele e também dá o retorno do que ela vê na sala de aula.”, mas que não recebe apenas o retorno da professora preceptora como também recebe desta um retorno do desenvolvimento do filho referente às matérias como Música, Inglês e Religião, e conclui dizendo que “quando a gente leva essas informações, do mesmo jeito que a gente traz informações do que fazer em casa, a professora também fala ‘Ah, que bom saber disso, porque vou trabalhar mais isso com ele dentro de sala’”

De maneira análoga, nas preceptorias individuais com os alunos, Lais fala que os alunos conversam com os preceptores sobre seus favoritismos, sobre o que gostam menos, sobre suas dificuldades, enquanto Tereza, preceptora de Amigo, aponta que

A partir disso [das dificuldades apresentadas pelas crianças], das ações concretas que são decididas pra tentar desenvolver aqueles pontos [que podem ser melhorados], as preceptorias seguintes são também de feedback, de retorno de como está sendo a execução daqueles pontos [de ação concretas para resolução de problemas]. Então a gente vai conversando se está fácil, se está difícil, se está conseguindo, traçando novas rotas se não está dando certo.

Ademais, Adriana, quando questionada se dava um feedback aos seus alunos sobre como estava rendimento deles em sua matéria, respondeu que geralmente dá um *feedback* indireto a eles sobre os pontos comportamentais deles que impactam o desenvolvimento deles em sala, mas geralmente não sobre a matéria em si.

Dessa maneira, as preceptorias são momentos que proporcionam, tanto em sua prática quanto em sua prévia, o diálogo entre corpo docente, coordenação pedagógica, família e estudantes, possibilitando momentos de troca de informações que permitem conhecer melhor o estudante, elemento necessário para a avaliação formativa. Dentro disso ocorre o desenvolvimento de *feedbacks*, outro elemento característico da avaliação formativa, dos professores aos pais sobre o desenvolvimento do filho dentro das 5 dimensões, dos pais aos professores sobre os resultados dos PPMs e dos reflexos do que está sendo aprendido na escola em casa, dos professores aos outros professores sobre o rendimento de cada aluno em sua matéria, dos professores aos estudantes sobre o que estes aprenderam, uma vez que escola se ensina tanto por meio de uma pedagogia visível conteudista quanto por meio de uma educação invisível (Hoz, 1970) com aspectos volitivos e construção de bons hábitos, e dos alunos aos professores, contando sobre suas dificuldades, gostos, acontecimentos de suas vidas e progressos dentro dos PPMs propostos e matérias estudadas.

Nessa perspectiva dos PPMs, entra a categoria de Reformulações, com 22 palavras-chave, como, por exemplo, “PPM”, “planos individuais”, “mutável”, “continuidade” e “notável”. Dessa maneira, foi ressaltado nas entrevistas que reformulações dentro da preceptoria acontecem a todo momento. Adriana afirmou, falando mais referente à preceptoria com os pais, que a preceptoria “não é um documento fechado, porque tudo pode vir do pai [...] então não é um documento fechado, ele é aberto e pode mudar a qualquer momento”, ou seja, apesar das preceptorias serem previamente preparadas e as professoras pensarem com antecedência as possíveis metas de ações concretas para promover melhoras pessoais aos alunos, denominadas como PPMs, os pais podem apresentar novas informações, planos e

necessidades de seus filhos que irão redirecionar as preceptorias e demandarão diferentes PPMs.

Joana confirma esse fato:

Como mãe, eu me organizo com o meu marido, a gente vê ali as questões que a gente quer melhorar, vê como foi o PPM anterior e aí a gente traz e depois que a professora fala a gente faz um apanhado do que nós gostaríamos que fosse trabalhado. [...] Geralmente elas [as preceptoras] vêm com sugestões [de PPM] e a gente ajuda no final.

Assim como Laís: “aí depois dela [preceptora] expor esses pontos [que ela observou], ela pergunta se a gente tem alguma dúvida. Aí a gente normalmente pontua alguma coisa que a gente achou interessante e aí ela sugere que a gente pense junto num PPM” e Vinicius: “Normalmente o PPM, no que eu percebo é que as professoras normalmente esperam que a gente tenha as propostas primeiro, mas, quando ela vê que falta criatividade, ela propõe alguma coisa.”

Nesse sentido, os PPMs são de extrema importância para a preceptoria, pois eles são a origem da reformulação dos estudantes ao mesmo tempo em que relembram aos membros da comunidade educativa que cada indivíduo tem sua singularidade e necessidade. Assim é revelado por Adriana, “não é toda criança que tem PPM cognitivo, um PPM pedagógico. [...] Uma coisa que a diretora sempre fala é que a criança pode mais, então a gente sempre sabe que um aluno muito bom tem que ser melhor.” e, nesse viés, Joana conta que raramente São João Paulo II tem PPMs voltados para a dimensão cognitiva, uma vez que demanda mais planos e metas voltadas para a formação de paciência e tolerância.

Todavia, como foi apresentado nas entrevistas, nem todos os PPMs acarretam alguma mudança ou construção de hábito positivo em sua implementação. Teresa aponta que “a gente não tem certeza dos resultados que virão das mudanças e dos acordos feitos em preceptoria” e que, portanto o período de formação de bons hábitos é contínuo e mais demorado dependendo da meta proposta a ser melhorada e reestruturações de PPMs constantemente são necessárias para que uma meta seja atingida. Correlato a isso, os conhecimentos sobre os estudantes advindos da preceptoria permitem que as professoras adaptem atividades para alunos específicos e saibam como atingir melhor um estudante em sua matéria.

A última reformulação apresentada nas entrevistas é a reformulação de postura por parte dos estudantes. As preceptorias com as crianças são “sigilosas” então, o que elas contam para os preceptores, estes só podem contar para outras pessoas, sejam elas os pais ou outros professores, com a autorização das próprias crianças, desde que não seja algo muito sério. Diante disso, apesar dos pais não necessariamente saberem sobre o que foi tratado na

preceptoria com os filhos, Joana diz: “Acho que existe um São João Paulo II antes e um depois de começar as preceptorias”, Vinícius afirma que “no dia que ele [Amigo] tem preceptoria é visível” e Adriana comenta que diversos pais já admitiram para ela que conseguem distinguir os dias que seus filhos tiveram preceptoria, pois eles mudam alguma forma de agir ou realizam alguma atividade diferente, às vezes advinda do PPM.

A categoria “Compromisso”, constituída por 16 palavras-chave é marcada principalmente pelas palavras “autonomia” e “autoconhecimento”. Nas entrevistas, além do compromisso que o professor deve ter com o sigilo da criança e com o tempo e o foco no estudante durante as preceptorias, foi enfatizado a importância do comprometimento dos professores, das famílias e da própria criança para com a preceptoria para que os objetivos conseguissem ser cumpridos e as metas, alcançadas.

Teresa primeiramente fala que tudo depende da vontade do aluno, da escolha feita pelo preceptorado. Durante as preceptorias com os pais, são formulados PPMs que a criança vai ter em casa e que a família toda vai ajudar e a escola também, e com as crianças são formulados outros que serão unicamente de responsabilidade delas. Se o estudante não se comprometer a cumprir os PPMs que ele mesmo ajudou a formular ou não querer tomar atitudes frente às suas dificuldades e potencialidades, todo o trabalho da preceptoria é em vão. Somado a isso, ela também afirma que “Eles [os alunos], pra que seja feito um bom trabalho, um desenvolvimento de trabalho, eles precisam estar cientes do que pode ser melhorado e estar dispostos a realizar as ações que poderiam ajudar eles a melhorarem nesses aspectos”, ou seja, os preceptores, assim como a escola, precisam dar um feedback aos estudantes sobre o seu desempenho, assim como apresentar a eles os motivos e objetivos daquele trabalho pedagógico.

De maneira análoga, mostra que a funcionalidade da preceptoria depende também dos pais, como apresenta Adriana:

[...] se a família não estiver muito bem conectada com a escola, com o mesmo objetivo, isso é um limite que a preceptoria não pode ultrapassar. Não adianta eu ir lá, traçar um plano com o aluno, traçar um plano com a família e a família... tipo ‘não, não vou fazer’, que não resolve. Porque, tipo, a gente só consegue atingir o objetivo da preceptoria se a família e a escola trabalharem juntas.

Assim, os pais devem ter em comum acordo os planos e objetivos para seu filho, além da disponibilidade de auxiliá-los, como aponta Teresa.

As consequências desse comprometimento, principalmente no que se refere ao do estudante para com a preceptoria, são a autonomia, o automonitoramento e o autoconhecimento. Essa preceptora também afirma que propõe nas conversas da preceptoria reflexões sobre pontos

que a criança precisa melhorar e deixa com que eles mesmos tomem a decisão do que seria melhor: “É claro que eu direciono a reflexão do pensamento, mas quem toma a decisão do que pode ser feito pra melhorar aqueles aspectos, é o próprio preceptorado, a própria criança.” e Vinicius, pai de Amigo, preceptorando de Teresa, confirmou que esse trabalho das preceptorias realmente gera um autoconhecimento que impulsiona o estudante à tomada de novas decisões: “Ele mesmo percebeu ‘não se eu não to muito bem nisso, vou fazer alguma coisa que me dou melhor.’” Correlato a isso, Adriana, quando questionada diretamente sobre a construção de um automonitoramento por parte das crianças respondeu que sim, que apesar de ainda haver a possibilidade das preceptoras “cobrarem” aos preceptorados o cumprimento dos PPMs, se constrói autonomia e responsabilidade. Dessa maneira, a preceptoria, por formar e exigir autonomia, autoconhecimento e compromisso do estudante, gera o que, para Villas Boas (2006), é um dos fins da avaliação formativa, que é o automonitoramento.

Por fim, categoria “Avaliação” é constituída por 18 palavras-chave, entre elas “avalia” e derivações, “contínuas”, “necessidades”, “eficácia” e “limites”. O primeiro ponto analisado dentro desta categoria é o processo de aplicação da avaliação semiformal às crianças do 1º ano nesta escola. Adriana, como professora, afirma que são aplicadas avaliações de aprendizagem às crianças, mas que estas não sabem que estão realizando avaliações. Vinicius, como pai, complementa dizendo que a escola não notifica as crianças com antecedência para não gerar estresse e ansiedade nem nelas e nem em seus pais, e Joana e Adriana finalizam afirmando que eles são avaliados por menção e não por meio de notas, de maneira qualitativa. Assim, em consonância com Laís “eles [os alunos] iam fazer atividade, ia valer notas, mas elas [as professoras] falaram que a avaliação ia ser cumulativa, tipo assim, elas iam observando mesmo a prática em sala, não ia ser uma prova que ia dar a nota da criança no final do ano.”

Durante as entrevistas, notou-se também que termos normalmente usados para se referir a processos avaliativos, eram usados para se fazer referência a pontos da preceptoria. Nessa vertente, Adriana, Vinicius e Teresa apresentaram a primeira preceptoria realizada tanto com os pais quanto com as crianças como “preceptoria diagnóstica”. Adriana a descreve como uma preceptoria na qual a família fala mais do que o preceptor para que este, ao ouvi-la, comece a conhecê-la e ao ambiente em que aquela criança vive. Essa preceptoria diagnóstica é toda formulada baseada na anamnese que os pais preencherem quando alguma matriculado na escola, na qual, segundo Vinicius, os pais descrevem diversos os pontos de desenvolvimento da criança desde o nascimento, além de como foi o nascimento e de como foi a vida da criança até o momento que ele chega na escola para estudar.

Correlato a isso, em alguns momentos das entrevistas, a pesquisadora percebeu que eram levantados tópicos nos quais processos de avaliação estavam inseridos e que os entrevistados não tinham notado. O primeiro tópico levantado foi o uso da avaliação como ponderação para a definição de qual seria a maior dificuldade ou necessidade de um para que fosse formulado um PPM dentro desse aspecto. O segundo foi identificado na fala de Adriana. Ela, ao ser questionada sobre se realizava atividades intencionais para a formulação de preceptorias, respondeu:

Então tem atividades intencionais que a gente faz, mas não é assim porque eu vou fazer só pra preceptorial que eu vou fazer uma atividade intencional pra você. É uma coisa que eu pego um grupo de crianças que eu vejo que está com dificuldade e aí sim a gente faz uma atividade, mas para esse grupo. E aí, como a gente está muito próximo das crianças, eu posso identificar a dificuldade de cada um.

Esse relato revela que, ao realizar atividades direcionadas para grupos que possuem dificuldades, ela identifica melhor as dificuldades de cada um e ela leva essas informações para as preceptorias. Isso, mesmo que a entrevistada não perceba se caracteriza como uma etapa da avaliação formativa: a aplicação de atividades que possibilitem ao educador compreender as necessidades educacionais dos estudantes para realizar intervenções que, no caso da preceptorial podem ser imediatas ou não, posto que, como explica Adriana, apesar das preceptorias acontecerem, nesta escola, de 15 em 15 dias com as crianças, os professores podem solicitar preceptorias antes desse período se percebem alguma urgência. Ademais, a mesma professora também afirmou que já utilizou momentos de avaliação individuais de leitura para realizar preceptorias com seus educandos, aproveitando “o gancho” tanto da situação quanto, às vezes, da temática do texto para conversar com o aluno sobre algum assunto que sinta necessidade, revelando que a preceptorial e a avaliação formativa podem ser utilizadas em conjunto e de maneira articulada.

Somado a isso, quando as preceptorias foram questionadas mais diretamente sobre os pontos de intersecção entre avaliação formativa e preceptorial, outros tópicos foram levantados e surgiram as seguintes respostas:

Adriana:

“A avaliação do professor ela é contínua, pedagógica, cognitiva. A da preceptorial também. Embora a gente tenha no nosso cronograma ‘a cada 15 dias vamos chamar o aluno’, eu posso chamar ele a hora que eu quiser.”

Teresa:

“Através do conhecimento mais próximo e profundo que a preceptorial proporciona, a avaliação formativa é muito mais fácil de ser desenvolvida e aplicada com os alunos.”

“A preceptoria traz esse olhar próximo também de avaliação do desempenho escolar, do desempenho cognitivo do aluno.”

“[por meio da preceptoria] é muito mais fácil fazer avaliação e ver quais pontos podem ser melhorados, e também identificar a forma que esse aluno aprende melhor, identificar estratégias de ensino mais eficazes pro aluno.”

Em suma, a catalogação das entrevistas com os adultos apontou 5 categorias as quais apresentam pontos de intersecção entre avaliação formativa. As categorias da articulação e do diálogo revelam a necessidade de o professor conhecer o estudante, suas dimensões e o contexto em que vive para conseguir analisá-lo devidamente, formular metas que sejam possíveis do estudante cumprir e formular para o estudante planos que sejam consonantes com os projetos de vida de seus pais para si, necessidade esta presente tanto para um professor-preceptor quanto para um professor-avaliador. A categoria de reformulações mostra uma continuidade no processo tanto da preceptoria quanto da avaliação formativa, as quais se reconstroem e exigem mudanças ao longo de seu processo para conseguir suprir às necessidades do estudante. A categoria de compromisso aponta para o desenvolvimento do autoconhecimento, autonomia e automonitoramento, elementos os quais são almejados pelos dois objetos em estudo e, por fim, a categoria de Avaliação declara mais expressamente as articulações entre avaliação formativa e preceptoria. Assim analisadas as categorias e entrevistas dos adultos, passemos para a análise dos desenhos e das entrevistas dos dois meninos.

5.3 TRATANDO DE “AFLITOS”⁵

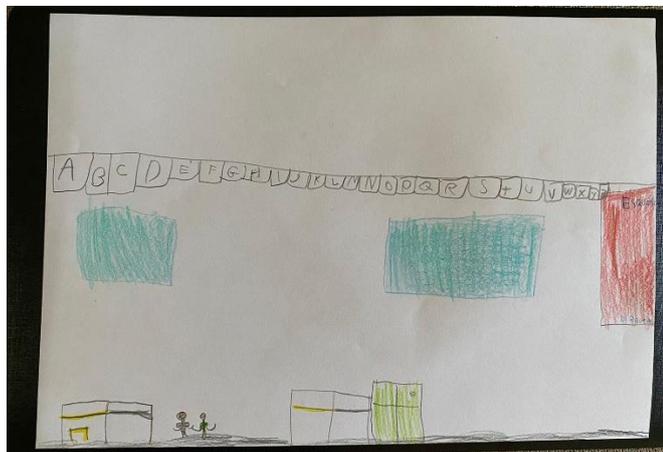
As crianças têm o desejo de comunicar (Staccioli, 2020), entretanto, esse desejo pode ser expresso de diversas formas, incluindo o desenho e, portanto, este é uma linguagem que necessita de atenção especial por parte de educadores e pesquisadores (*ibidem*), uma vez que o desenho pode ser compreendido como uma linguagem que dá visibilidade aos pensamentos. Nesse ínterim, uma vez que o desenho infantil não é apenas um ato de expressão, mas uma tentativa de comunicação e retratação do mundo real da própria criança, ligado à sua história, às suas percepções e emoções (*ibidem*), ele deve ser analisado com base em sua intencionalidade de comunicação, no contexto que foi produzido e no que é objetivamente expresso, como demonstra a metodologia de compreensão ambígua descrita por Staccioli

⁵ O nome do capítulo foi escolhido com base nas falas das crianças. Nesse sentido, “aflitos” foi empregado, porque São João Paulo II utilizou-se desse termo diversas vezes para expressar que a preceptoria o ajudava a lidar com conflitos que ele tinha dentro e fora das escola.

(2020) e empregada neste trabalho para explorar os desenhos, e consequentemente as entrevistas, de São João Paulo II e de Amigo.

O primeiro desenho analisado será o de São João Paulo II presente na Figura 1:

FIGURA 1: DESENHO DE SÃO JOÃO PAULO II

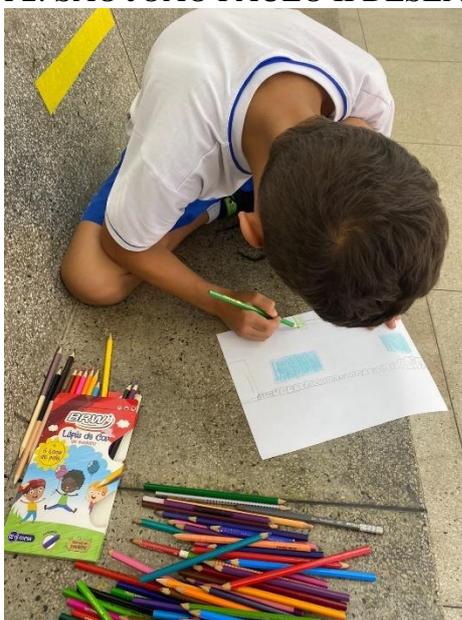


Fonte: Corpus da pesquisa (2023)

O desenho foi confeccionado após o fim da entrevista com o menino e tinha o tema “Eu e meu preceptor em sala de aula”. Foram disponibilizados à criança diversos lápis de cor, lápis de cor de seis tons de pele diferentes, canetinhas coloridas, marcadores de texto, borracha, lápis, apontador, lápis de escrever e giz de cera. Além disso, ficou a critério da criança se ela iria desenhar no banco em que estava sentada, no chão ou em uma mesa uma sala próxima e ela decidiu-se por desenhar no banco de pedra.

Objetivamente falando, o desenho foi construído iniciando-se pela representação de sua sala de aula: primeiro o quadro branco, que a criança pintou de vermelho, as identificações de lado esquerdo e direito presentes no mesmo quadro, seguido pelos quadros de letras os quais constituem o alfabeto da sala. Também foi adicionado em seu desenho as duas “janelas verde-água” da sala, mesas e cadeiras com marcações amarelas e cinzas para reconhecer os diferentes tamanhos de mesas presentes na sala e quais cadeiras podem formar um conjunto com elas “pra não bater o joelho”, como disse São João Paulo II, além de um armário verde e do chão cinza. A princípio o desenho seria finalizado desse modo, entretanto, quando questionado pela pesquisadora sobre o motivo de não ter se desenhado e nem à sua preceptora, afirmou que tinha esquecido e concluiu o desenho com a representação de si mesmo, na figura de blusa cinza, e de sua preceptora, de blusa verde, como mostra a Figura 2.

FIGURA 2: SÃO JOÃO PAULO II DESENHANDO



Fonte: Corpus da pesquisa (2023)

O contexto do desenho foi expresso ao longo da entrevista. O estudante, que já tem preceptorias a 7 meses, foi chamado para fora de sua sala às 9:50 da manhã para a realização desta em um ambiente a sua escolha que fosse aberto e visível aos outros membros da escola. A entrevista circunscendeu as temáticas da preceptoria e da avaliação formativa. São João Paulo II, ao longo do tempo em que conversamos, afirmou que gosta das preceptorias e que nelas conversa sobre seus sentimentos e sua família.

Sabendo que ele tem uma irmã mais nova, a pesquisadora perguntou a ele como explicaria a ela, quando fosse mais velha, o que era uma preceptoria e ele respondeu: “Preceptoria é quando o professor chama a gente pra conversar sobre como a gente está se sentindo, quando alguém né... nos ofende...”, uma resposta complementar à resposta que ele mesmo deu à pergunta de se a preceptoria o ajudava a ir bem na escola: “Sim. [...] Quando tipo... Quando tipo alguém me ofende elas me ajudam” mostrando que, para ele, a preceptoria é mais voltada para aspectos comportamentais do que conteudistas. Ainda sobre essa visão, disse que nas preceptorias, às vezes a preceptora leva jogos para eles jogarem, assim como foi feito no momento da entrevista, e que o que mais o ajudou até agora foi “em parte de ‘aflitos’”, utilizando “aflitos” como sinônimo de “conflitos”, a não se estressar com seus colegas de turma durante os jogos do intervalo, chegando a uma conclusão de que é uma pessoa melhor após os

7 meses que se passaram desde o começo das preceptorias até o momento em que a entrevista foi realizada

Um pouco mais voltado para a dimensão cognitiva, São João Paulo II ainda mencionou que, tanto nas preceptorias quanto nas aulas de sua preceptora, ela o ensina e, às vezes, o ajuda a fazer tarefas. Somado a isso, revelou que acredita que sua preceptora pode ajudá-lo melhor em sua aula por ser sua preceptora e ter uma relação mais próxima a ele: “Normalmente quando eu peço ajuda, ela sempre... vai me ajudar, né?”, apresentando sua confiança em sua preceptora, ao mesmo tempo em que percebe o compromisso dela para auxiliá-lo.

Conectando a dimensão cognitiva à avaliação, o primeiro ponto percebido pela pesquisadora foi que o estudante realmente não possui a completa ciência de que a escola utiliza de avaliações para mensurar o seu processo de aprendizagem. Perguntei a ele como ele era avaliado na escola, no sentido da presença de provas, testes ou atividades que valessem notas, e ele respondeu: “Como menino inteligente”. Ao mesmo tempo, talvez por, como Adriana apresentou na sua entrevista, aspectos da dimensão volitiva e da construção de bons hábitos serem mais trabalhadas nessa idade, e por, devido à falta de uma compreensão mais clara sobre o que é uma avaliação, quando se foi perguntado sobre se e como as avaliações o ajudavam, a resposta foi: “Sim. [...] Às vezes quando alguém não quer tipo brincar comigo, não quer brincar de alguma coisa que eu estou brincando né elas me ajudam”. Não se pode dizer que ele não possui uma noção do que é um processo de avaliação, posto que falou em determinado momento que achava que o avaliavam para ajudá-lo nas matérias da escola e nas aulas de matemática.

Sobre sua intencionalidade de comunicação referente ao desenho, quando questionado sobre o que tinha desenhado, respondeu que era um desenho de um momento em que sua preceptora realizava avaliação de leitura individual e dava preceptoria logo em seguida em sala de aula enquanto as outras crianças respondiam atividades propostas ou brincavam:

Ah uma coisa que a gente faz muito... quando tem preceptoria e avaliação! Aí é a mesma coisa junto, preceptoria e avaliação [...] Às vezes é... a gente senta lá com um livro né, tipo um minilivro, aí a gente... ao mesmo tempo faz avaliação e preceptoria... Ai sempre... a ‘prof’ senta lá com a gente e faz avaliação e preceptoria. [...] A gente senta lá numa mesa e a ‘prof’ dá um minilivro pra gente ‘lê’. Aí sempre quando acaba normalmente ela fica conversando com a gente.

Pontos relevantes a serem ressaltados são o fato dele ter, por si mesmo, lembrado deste momento sem nenhum incentivo ou interferência da preceptora, apenas levando em conta a temática de sua entrevista e fazendo as articulações entre sala de aula, preceptoria e avaliação. Ademais, apesar de possuir um tom de pele mais escuro, utilizou a cor bege clara para se representar e representou a si e a preceptora como pequenos em comparação à estrutura da sala. Por fim, o que chama bastante atenção é o fato dele ter desenhado os dois indivíduos sorrindo

e de mãos dadas, revelando uma relação de confiança, companheirismo e alegria entre preceptor e preceptorando, entre professor e aluno.

De maneira semelhante, o desenho de Amigo, presente na Figura 3, é analisado com base em sua intencionalidade de comunicação, no contexto que foi produzido e no que é objetivamente expresso. O desenho foi realizado em sua casa após o fim da entrevista. Esta foi realizada enquanto jogávamos seu jogo favorito, “Cara a cara”, em sua casa e, talvez porque estava muito animado e concentrado no jogo, porque não conhecia a pesquisadora ou porque aparentou ser um pouco tímido, suas respostas às perguntas eram bem curtas e singelas, apesar de repletas de significado.

Para Amigo, as preceptorias são momentos “Que a gente conversa e, no final, a gente faz um combinado.” Ele, assim como São João Paulo II, está no 1º ano do Ensino Fundamental, tem preceptorias desde o começo do ano e as caracteriza como legais. A preceptora de Amigo não é a professora regente de sua turma, mas a professora da matéria de Religião que dá aula para ele apenas uma vez na semana. Então nessas preceptorias a preceptora, Teresa, após pedir autorização para a professora regente de sala, Adriana, chama-o para conversar geralmente em um espaço específico da escola e eles conversam sobre “se tá melhorando em alguma coisa”, como ele mesmo disse.

Amigo, sem dar muitos detalhes, contou que as preceptorias o ajudam a ir bem na escola, não tanto dentro das matérias que está estudando, mas “mais em outras coisas”, que acredita que a sua preceptora, por ser sua preceptora, consegue ajudá-lo melhor em sua matéria e que a preceptoria poderia ajudá-lo a ir melhor “em várias outras coisas”. Por fim, ao ser questionado sobre a forma que é avaliado em sua escola, respondeu que não é avaliado, contudo recebeu um ou dois boletins no ano, o que demonstra uma falta de ciência das avaliações a qual, como dito anteriormente, está prevista dentro do plano da escola para estudantes do 1º ano como ele.

FIGURA 3: DESENHO DE AMIGO



Fonte: Corpus da pesquisa (2023)

Em seu desenho, apesar da pesquisadora ter pedido para que fizesse uma representação de si com a preceptora em um momento de aula, o entrevistado desenhou um momento de preceptoria. No desenho está presente o sol e o céu azul, Amigo e sua preceptora estão sentados sorrindo em um pneu em um campo da escola normalmente utilizado como parquinho pelas crianças durante o intervalo. Ao se desenhar, Amigo retirou todos os lápis com tons da pele da caixa de lápis de cor, aproximou-os de seu braço, se questionou: “Qual cor de pele eu sou?” e apenas se coloriu após ter confiança em sua escolha, como mostra na figura 4.

FIGURA 4: AMIGO DESCOBRE SUA COR



Fonte: Corpus da pesquisa (2023)

À sua direita se encontram crianças da Educação Infantil grupo 1 em um parquinho que é exclusivo para o uso delas e que possui diversos brinquedos, incluindo cavalinhos e escorregador. Ainda que desenhadas, Amigo falou que, durante suas preceptorias, as crianças bem pequenas não brincam naquele local e que, portanto, nenhum barulho atrapalha as conversas. À sua esquerda, Amigo representou a grade que separa o campo do jardim da escola, o qual possui uma árvore com um ninho e um banco para as pessoas se sentarem.

FIGURA 5 – AMIGO DESENHANDO



Fonte: Corpus da pesquisa (2023)

Amigo aparentou gostar bastante de desenhar e pintar e afirmou que faz aulas de desenho. Seu desenho revela um ambiente feliz e próspero de preceptoria, como demonstrou ao retratar a si mesmo e às outras crianças sorrindo. Em contrapartida, o fato de que a criança não representou a situação requerida de um momento com a preceptora em sala, revela uma quebra situacional em que o estudante vive com a preceptora dois momentos diferentes: o da sala de aula em que ela é apenas professora e o da preceptoria em que ela seria apenas sua preceptora, apresentando dificuldades para articular a função de professora-preceptora exercida por Teresa.

5.4 RESULTADOS

O objetivo das entrevistas é encontrar nas falas desse pequeno grupo as possibilidades de diálogos entre a avaliação formativa e a preceptoria. Sob esse prisma, as entrevistas apresentam diversas informações explícitas e implícitas sobre a avaliação formativa utilizada na escola, sobre a preceptoria e as articulações entre elas.

A análise das cinco dimensões de cada aluno e as trocas de informação desenvolvidas entre corpo docente, coordenação pedagógica, família e estudantes, proporcionada pela preceptoria é favorável para uma futura avaliação completa e justa dele realizada pelo professor. Ademais, o conhecimento sobre o perfil e a personalidade do estudante auxiliam na formulação e na reformulação de planos aula que sejam mais efetivos para o ensino-aprendizado dos

discentes, ao mesmo tempo em que, por meio do conhecimento mais próximo e profundo que a preceptoria proporciona, a avaliação formativa é de ser desenvolvida e aplicada com os alunos, como afirma Teresa. De maneira análoga, após um professor-preceptor conhecer seu preceptorando, pode auxiliar e dar conselhos a outros docentes sobre como lidar com ele.

As preceptorias, como momento de troca de informações e de *feedbacks*, podem significativamente auxiliar as avaliações formativas por delimitarem um horário para que o professor conseguisse conversar calma e individualmente com cada estudante sobre seu rendimento e desenvolvimento, como um momento de *feedback* mais formalizado. Apesar dos entrevistados afirmarem que, para os estudantes do 1º ano, as preceptorias são mais voltadas a aspectos comportamentais e de bons hábitos, esses elementos fazem parte do currículo da escola e do que ela ensina, ou seja, por meio do exemplo dessa instituição, percebe-se que outros aspectos do currículo poderiam entrar nesse feedback direta ou indiretamente, como Adriana apresentou.

Somado a isso, as preceptorias, para que funcionem, assim como a avaliação formativa, necessita de que os alunos estejam cientes do que pode ser melhorado e estar dispostos a realizar as ações que poderiam ajudá-los a melhorarem nesses aspectos, assim como estar cientes do que é esperado deles. Esse fator, em conjunto com a responsabilidade proporcionada pela formulação e cumprimento de seus próprios PPMs e o autoconhecimento proporcionado pelas preceptorias, acarreta o automonitoramento, processo no qual, segundo Villas Boas (2006), o próprio aluno gera a informação necessária para o prosseguimento da sua aprendizagem e busca eliminar as distâncias entre o nível de desempenho atual e o de referência.

De maneira análoga, como foi visto, as professoras utilizam a aplicação de atividades que possibilitem ao educador compreender as necessidades educacionais dos estudantes para realizar intervenções que, no caso da preceptoria podem ser imediatas ou não, mas que, para a avaliação formativa, se tornaram mudanças imediatas no plano de aula. Dessa forma, uma mesma atividade, assim como uma mesma observação do aluno, pode ser constituir uma avaliação formativa, ao mesmo tempo em que pode auxiliar na construção de uma preceptoria e constituir o *feedback* de ambas. Concomitantemente, como contam Adriana e São João Paulo II, momento de avaliação formativa individuais podem ser aproveitados para a realização de preceptorias com seus educandos e vice-versa.

Articulando os trabalhos de professor e preceptor, percebe-se também que a avaliação do professor ela é contínua, pedagógica, cognitiva, assim como a da preceptoria também. As preceptorias e as avaliações formativas analisam e acompanham ambas o processo de desempenho do estudante e, a preceptoria, a auxiliar a criança a se constituir em aspectos

volitivos, de bons hábitos, em aspectos físicos como alimentação, sono e saúde, em aspectos afetivos, como ansiedade, estresse e convívio com o outro, além de aspectos transcendentais, cria um reflexo positivo e isso impacta na avaliação e no progresso escolar, como mostra Adriana, Lais e Victor.

Todavia, o maior limite encontrado para a articulação entre avaliação formativa e a preceptoria foi o hiato na formação docente. As professoras entrevistadas disseram que possuíam uma noção do que era avaliação formativa, mas que não se sentiam seguras a caracterizá-la e pediram para a pesquisadora explicar para elas. Ao compreenderem do que se tratava, rapidamente criaram articulações entre os instrumentos pedagógicos, o que demonstra que a avaliação formativa e a preceptoria poderiam ser articuladas caso ambas fossem mais conhecidas aos docentes.

Em suma, as possibilidades de articulação entre avaliação formativa e preceptoria se encontram na utilização da observação, do diálogo e do conhecimento acerca das 5 dimensões do estudante, ou seja, o conhecimento de seu perfil, tanto para a formulação de preceptorias quanto para uma avaliação justa do alunato e na utilização dos momentos de preceptoria para que sejam realizados os *feedbacks* das avaliações formativas. De modo semelhante, a aplicação de atividades intencionais gera informações que podem ser utilizadas tanto como avaliação formativa como para constituir um ponto a ser abordado durante as preceptorias. Além disso, a preceptoria proporciona o auto-monitoramento, que, assim como o feedback, está incluso na avaliação formativa (Villas Boas, 2006). Entretanto, o limite de sua articulação se encontra na falta de formação e preparo docente para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou, por meio de revisões narrativas e entrevistas, apresentar as características e etapas da avaliação formativa e da preceptoria para que, a partir delas fosse possível analisar as possibilidades de articulação entre elas na educação básica. Nesse sentido, a avaliação formativa e a preceptoria, objetos de estudo deste trabalho, são instrumentos pedagógicos de diferentes áreas, sendo o primeiro, da avaliação e o segundo, da orientação.

Para Villas Boas (2019), avaliação formativa é um processo planejado, no qual professores e estudantes usam evidências do que os estudantes aprenderam, em relação ao alcance dos objetivos propostos, para promover ajustes no trabalho pedagógico, planejando os próximos passos e a maneira de atingi-los. Esse processo no qual os docentes analisam frequente e interativamente os alunos para promover aprendizagens e os estudantes sabem o que se espera deles, são capazes de comparar seu nível de desempenho atual com o desejado e se engaje em ações que cubram esse hiato, ocorre por meio de quaisquer atividades desenvolvidas as quais permitam ao docente ter informações sobre o desempenho acadêmico do estudante.

Ao se falar da presença do estudante dentro trabalho da avaliação formativa, inclui-se participação no feedback e o desenvolvimento do automonitoramento, enquanto a presença do professor desenvolve-se na preparação e sistematização da avaliação. Somado a isso, o professor-avaliador também tem o dever de possuir uma ampla visão sobre a constituição pessoal de cada um de seus estudantes para que possa avaliá-los com justiça e compreensão, utilizando informações advindas da informalidade para relacioná-las com os resultados da avaliação formal, além de para ser capaz de auxiliá-los a ultrapassar de suas limitações e potencialidades dentro de aspectos da formação acadêmica do estudante, como também sua formação cidadã para que tenha inserção social crítica na comunidade (Villas Boas, 2019).

Em contrapartida, preceptoria é uma orientação sistemática constituída por encontros regulares entre professor-preceptor e aluno ou entre professor-preceptor e família que possuem o objetivo de promover o rendimento escolar e a autonomia, diminuir as dificuldades escolares e os conflitos sociais e criar bons hábitos (Milano, 2022) a partir das dificuldades e potencialidades apresentadas pelos estudantes-preceptorados individualmente dentro de 5 dimensões: física, intelectual/cognitiva, volitiva, afetiva e transcendente. n

Sob essa caracterização, pode-se afirmar que ambas são processos sistemáticos e frequentes que buscam identificar dificuldades e potencialidades dos estudantes para superá-las, tendo a avaliação formativa um olhar mais voltado para o conteúdo trabalhado em sala e a

preceptoria, uma visão mais abrangente do estudante, não apenas ajudando em aspectos escolares como também de seu cotidiano. Atrelado a isso, formação acadêmica e cidadã do estudante, objetivada dentro da avaliação formativa, se beneficia da preceptoria, que trata de auxiliar os estudantes a aperfeiçoar responsabilmente suas atitudes, de suas habilidades sociais, da formação da vontade e de modo integral (Paiva; Santo, 2022), assim como a preceptoria, ao auxiliar os estudantes em seus problemas emocionais e de hábitos, como revelaram as entrevistas, impactam positivamente o resultado das avaliações formais.

Ademais, as observações sobre as 5 dimensões do estudante podem ser usadas para que o professor-avaliador compreenda melhor o seu estudante, ao mesmo tempo em que os resultados obtidos por meio das avaliações formativas podem constituir pontos a serem abordados em preceptorias. Nesse cenário, as preceptorias constituem em um momento propício para que o professor, individualmente e com o devido tempo, possa dar o feedback sobre o rendimento do estudante dentro de sua matéria, assim como sobre seu desenvolvimento pessoal e cidadão, promovendo por meio dos PPMs reformulações concretas, imediatas e praticáveis as quais vão além da reformulação do plano de aula, mas que envolvam de maneira mais direta o estudante e sua família, proporcionando com mais ênfase a autonomia, o autoconhecimento e o automonitoramento.

Concomitantemente, as dificuldades da avaliação formativa apresentadas por Villas Boas (2019), como o incentivo do desenvolvimento de hábitos diários de estudos, a impossibilidade de dar atenção a todos os estudantes com turmas grandes e de assimilação, por parte dos pais, de um processo de avaliação desvinculado da nota, seriam parcialmente solucionados com a preceptoria. Esta, dentro da dimensão volitiva, articulando-se também com a cognitiva, trabalha como planos de estudo e técnicas de organização do tempo, rendimento escolar em cada matéria estudada, a disposição diante de cada matéria, sua motivação, interesse na disciplina e suas razões etc. (Rojas, 2015), e consegue proporcionar momentos de troca individual entre preceptor e estudante, além de momentos de conversas particulares entre pais e preceptores nos quais estes podem explicar aos pais os processos de avaliação da escola, apesar deste não ser o foco da preceptoria.

Todavia, o problema apontado pela autora (2019) acerca da sobrecarga de trabalho dentro e fora de sala de aula não seria diminuído por meio da preceptoria. Ainda que observações e atividades possam ser úteis aos dois objetos em estudo, por cada um apresentar uma finalidade e uma perspectiva, uma mesma atividade, dependendo de sua formulação, teria de ser analisada sob duas visões distintas para atender às necessidades tanto da avaliação formativa quanto da preceptoria, mesmo que um professor-preceptor possua ambas as funções

de um professor normal e as de um preceptor e, comprovadamente de acordo com a realidade da escola particular analisada, ele seja capaz de realizar ambas com excelência ao longo do ano letivo. Ademais, outros limites apontados pela pesquisa foram a falta de estudos e de instituições que apliquem preceptorias, analogamente à falta de formação docente acerca da avaliação formativa, além de que cada estudante possui apenas um preceptor e, nessa conjuntura, diante da equipe docente a qual dá aula a um aluno, a articulação entre os instrumentos somente poderiam acontecer durante as aulas de seu preceptor.

Em suma, apesar dos limites da articulação entre avaliação formativa e preceptoria, a articulação entre elas é possível e traz consigo diversas possibilidades, apresentando-as como instrumentos complementares para a formação de um sujeito social integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCÁZAR, J. A. Manual Técnico Projeto Optimist. São Paulo: **Solar Didática**, 2014.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- CERVANTES, B.I.B., SANTAMARÍA, J. S., GUTIÉRREZ, K.D.M., RICHIE, P.S.H.. (2018). Educación exitosa para todos: la tutoría como proceso de acompañamiento escolar desde la mirada de la equidad educativa. **Revista Fuentes**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 91–104, 2018. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/fuentes/article/view/6085> . Acesso em: 26 jul. 2023.
- GONTIJO, Simone Braz Ferreira; LINHARES, Vânia Leila de Castro Nogueira. Di.ci.o.n.ário de Avaliação Educacional. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- GUERRERO, A.J.M.; BELMONTE, J. L., SÁNCHEZ, S.P.. (2019). Percepción de la acción tutorial en un centro de educación secundaria. En A. Cotán Fernández (Coord.), Nuevos paradigmas en los procesos de enseñanza-aprendizaje. **Adaya Press**, Eindhoven, [N. l.], p. 39-48, 2019. Disponível em: <https://www.adayapress.com/wp-content/uploads/2019/11/Parad5s.pdf> . Acesso em: 26 jul. 2023.
- HADJI, Charles. Avaliação Desmistificada. Porto Alegre: **ARTMED Editora**, 2001.
- HOZ, V. G.. Educação Personalizada. Valladolid: Miñón, 1970.
- JUSTEL, J. A.. La tutoría en secundaria. **Educatio Siglo XXI**, n. 35, p. 65-90, Jul-Out. 2017, 65–90. Disponível em: <https://revistas.um.es/educatio/article/view/298521/214181> . Acesso em: 25 jul. 2023.
- Lattes, Currículo. Benigna Maria de Freitas Villas Boas. 2023. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6040496875481226> . Acesso em: 13 nov. 2023.
- López, N. C. (2017). La tutoría como espacio de democracia: una mirada desde la voz de los docentes en formación. **REOP - Revista Española De Orientación Y Psicopedagogía**, 28 (1), 86–103 1. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/reop/article/view/19360/0>. Acesso em: 31 out. 2023.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Pátio**, Rio Grande do Sul, n.12, p. 6-11, fev/mar. 2000.
- JOVCHELOVICH, S; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MAÑÚ, J. M.. Guia prático de preceptorias. São Paulo, SP. **Quadrante**, 2017.

- MATTAR, J.; RAMOS, D.K. Metodologia da Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, Quantitativas e Mistas. São Paulo, SP: **Almedina Brasil**, 2021.
- MILLANO, B. Valor y satisfacción con las preceptorías en los colegios de Infantil y Primaria. Dissertação (Mestrado) — Universidade Villanueva, Madri, 2022.
- PAIVA, A. P. O. M. V; SANTOS, S. M. R.. A preceptoria no Ensino Médio: a importância da educação afetiva. Caderno Intersaberes, Curitiba, v. 11, n. 36, p. 98-104, 2022. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2466> . Acesso em: 19 out. 2023.
- ROJAS, G. V. A. O papel do tutor na educação personalizada - características e diferenciais práticos. Artigo (Pós-Graduação em Planejamento e Gestão Educacional) – Universidade Católica de Brasília Virtual, Brasília, 2015)
- STACCIOLI, Gianfranco. Pensieri colorati: le bambine e i bambini raccontano com il disegno. Itália: Gruppo Spaggiari Parma S.p.A, 2020.
- VILLAS BOAS, B. M. F.. Avaliação formativa e formação de professores: ainda um desafio. **Linhas Críticas**, Brasília , v. 12, n. 22, p. 75-90, jun. 2006 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-04312006000100006&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em 25 jul. 2023.
- VILLAS BOAS, B. M. F. (org.). Avaliação formativa: práticas inovadoras. Campinas, SP: **Papirus**, 2019.
- VILLAS BOAS, B. M. F.. Benigna Villas Boas, 2020. Disponível em: <https://www.benignavillasboas.com.br/> . Acesso em 30 nov 2023.
- VILLAS BOAS, B. M. F.. Construindo a avaliação formativa em uma escola de educação infantil e fundamental. **Benigna Villas Boas**, 9 nov. 2019. Disponível em: https://www.benignavillasboas.com.br/construindo-a-avaliacao-formativa-em-uma-escola-de-educacao-infantil-e-fundamental1/#_ftn1 . Acesso em: 19 out. 2023.
- VILLAS BOAS, B. M. F.. (Org.). Conversas sobre avaliação. Campinas, SP: **Papirus**, 2019.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 26 jul. 2023.

APÊNDICE A

1. Roteiro de entrevista para os professores/preceptores das crianças

Identificação

Nome completo: _____

Nome fictício a ser utilizado na pesquisa: _____

Idade: _____ Telefone: () _____ Celular: () _____

E-mail: _____

Pós-graduação: () não () sim. Qual? _____

Quadro 1: Roteiro de entrevista semiestruturada para os preceptores.

- 1 Há quanto tempo você atua com as preceptorias?
- 2 Como são preparadas as preceptorias e quais, na sua visão, são suas etapas?
- 3 Seu preceptorado apresentou alguma mudança significativa no seu processo de ensino aprendizagem do começo dessas entrevistas até o momento atual? Se sim, em quais aspectos?
- 4 Você altera de alguma maneira as suas práticas educativas para atender aos seus preceptorados em sala de aula pós-preceptoria ou para te ajudar a formular novas preceptorias? Como?
- 5 Dentro do desenvolvimento do aspecto intelectual da preceptoria, quais você acha que são seus limites?
- 6 Como você acha que a preceptoria poderia ser melhor para desenvolver o aspecto intelectual da criança?
- 7 Você sabe o que é avaliação formativa? Se sim, o que você compreende por “avaliação formativa”?
- 8 Você percebe alguma articulação entre esses dois instrumentos pedagógicos? Por quê?

Fonte: elaboração da autora.

APÊNDICE B

1. Roteiro de entrevista para as crianças

Identificação

Nome completo: _____

Nome fictício a ser utilizado na pesquisa: _____

Idade: _____

Nome do responsável: _____

Quadro 1: Roteiro de entrevista semiestruturada para as crianças:

- 1 Há quanto tempo você tem entrevistas de preceptoria?
- 2 Sobre o que vocês conversam nesses encontros?
- 3 Você acha que eles te ajudaram a ir bem na escola? Se sim, como? Poderia dar um exemplo?
- 4 Você acha que, quando o seu preceptor é também seu professor, ele te ajuda mais na aula dele? Se sim, como?
- 5 O que é a preceptoria para você?
- 6 Como você é avaliado na escola? O que você acha dessas avaliações?
- 7 Por que você acha que te avaliam?
- 8 Como você acha que a preceptoria poderia te ajudar ainda melhor na escola?

Fonte: elaboração da autora.

APÊNDICE C

1. Roteiro de entrevista para os pais das crianças

Identificação

Nome completo: _____

Nome fictício a ser utilizado na pesquisa: _____

Idade: _____ Telefone: () _____ Celular: () _____

E-mail: _____

Pós-graduação: () não () sim. Qual? _____

Quadro 1: Roteiro de entrevista semiestruturada para os pais das crianças que participam dos encontros de preceptoria.

- 1 Há quanto tempo o seu filho(a) tem entrevistas de preceptorias?
- 2 Você já teve alguma dessas entrevistas? Se sim, há quanto tempo? Como elas se desenrolaram?
- 3 Na sua visão, quais são as etapas da preceptoria?
- 4 Você acredita que as preceptorias tenham impacto no processo de ensino-aprendizagem de seu filho(a)? Se sim, como? Foi positiva ou negativamente?
- 5 Por meio de quais instrumentos o seu filho(a) é avaliado pela escola?
- 6 Você acredita que as preceptorias tenham algum impacto na avaliação do seu filho(a)?
- 7 Dentro do desenvolvimento do aspecto intelectual da preceptoria, quais você acha que são seus limites?
- 8 Como você acha que a preceptoria poderia ser melhor para desenvolver o aspecto intelectual do seu filho?

Fonte: elaboração da autora.

APÊNDICE D

TABELA 1: Diferenças e Semelhanças entre Preceptoría e Tutoría

	Preceptoría	Tutoría
Diferenças	<p>1. Tem o objetivo de conhecer o aluno integralmente e ajudá-lo a atingir seus objetivos dentro de 5 aspectos: físico, intelectual, volitivo, afetivo e transcendental;</p> <p>2. São sempre individuais;</p> <p>3. O preceptor deve conhecer a realidade do preceptorando para ajudá-lo a atingir as virtudes que o aluno quer ou precisa, ajudando-o a superar suas dificuldades ou potencializar as suas habilidades;</p> <p>4. Correlação com a formação humana;</p> <p>5. O assessoramento ocorre também com os pais;</p> <p>6. Há a proposta do Plano Pessoal de Melhora: meta formulada pelo aluno em conjunto com o preceptor para potencializar alguma habilidade ou hábito já definido ou auxiliar em sua formação;</p> <p>7. São trabalhados aspectos concretos do desenvolvimento de habilidades, hábitos (de vida diária e de cultura), aquisições cognitivas e virtudes morais;</p> <p>8. Engloba toda a educação básica;</p> <p>9. São tratados: rendimento escolar em cada matéria estudada, atitude diante de cada matéria, atitude diante da escola, relações com os colegas da escola, relações pessoais, relações com as coisas, tom de vida, a vida fora da escola – amizades e diversões, vida</p>	<p>1. Tem o objetivo de conhecer o aluno integralmente para ajudá-lo a atingir seus objetivos acadêmicos e os objetivos de ensino da escola, seja em âmbito acadêmico, cívico ou social;</p> <p>2. Podem ser individuais ou em grupo;</p> <p>3. O tutor deve ajudar em estratégias de aprendizagem e deve conhecer os hábitos e realidades relacionadas ao estudo do tutorando;</p> <p>4. Forte correlação com o projeto de vida do estudante no Ensino Médio;</p> <p>5. O assessoramento ocorre só com o estudante ou em grupo com outros pares;</p> <p>6. Pode haver o Plano de ação tutorial (PAT), conjunto de ações destinadas a orientar o estudante em seu processo de desenvolvimento pessoal, acadêmico, social e profissional durante todo o seu estudo;</p> <p>7. Temas centrais da tutorias são: orientação profissional, informação acadêmica e profissional, desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, e desenvolvimento pessoal e social;</p> <p>8. Voltada mais para o Ensino Médio e Ensino Fundamental Anos Finais;</p> <p>9. São tratados: apresenta problemas de aprendizagem, rendimento e de adaptação ao meio escolar;</p>

	<p>familiar, ideais, dificuldades e problemas pessoais;</p> <p>10. Se trata de uma Educação Personalizada preocupada com a formação de um ser humano integral, com viés antropológico e transcendente;</p> <p>11. Origem: Antiguidade Clássica quando Ulisses pede ao seu amigo Mentor que proteja sua família</p> <p>12. O preceptor deve dar ou ter dado aulas para o preceptorando;</p>	<p>10. Se trata de um Ensino Personalizado, mais preocupado com currículo;</p> <p>11. Origem: Sócrates, Platão e Aristóteles, que defendiam conceitos como a educação constante, a importância do autoconhecimento ou a visão do docente como guia de acompanhamento de estudo;</p> <p>12. Não necessariamente o preceptor/tutor será aquele que dá aula para o estudante;</p>
Semelhanças	<p>Cada estudante possui o seu próprio preceptor/tutor;</p> <p>Os encontros acontecem em horário marcado e com tempo definido;</p> <p>Envolvem a família e outros atores escolares, além do professor e do aluno;</p> <p>Fazem uso da observação e das intervenções oportunas;</p> <p>É um processo formativo e sistemáticos;</p> <p>Envolve o currículo da escola;</p> <p>Se importam com aspectos sociais e emocionais do indivíduo;</p> <p>Impactam o trabalho do professor em sala de aula;</p> <p>Possíveis problemáticas: delimitação do tempo (intervenções só podem ser feitas em um momento específico, mesmo que o problema esteja acontecendo naquele momento), falta de confiança, de interesse e de comprometimento entre professor e aluno;</p> <p>Ponto de partida: avaliação diagnóstica;</p> <p>Presentes na Espanha, apesar da tutoria ser mais difundida em outros países também.</p>	

Fonte: elaboração da autora.